



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

CHRYSTHIAN SILVA DE SOUSA

ARTHUR SCHOPENHAUER E PAUL KLEE: O Gênio artístico e a pintura.

São Luís
2022

CHRYSTHIAN SILVA DE SOUSA

ARTHUR SCHOPENHAUER E PAUL KLEE: O Gênio artístico e a pintura.

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia
da Universidade Federal do Maranhão, para
obtenção do grau em Licenciatura plena em
Filosofia

Orientador: Luis Hernán Uribe Miranda

São Luís

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva de Sousa, Chrysthian.

ARTHUR SCHOPENHAUER E PAUL KLEE: : O Gênio artístico e a pintura / Chrysthian Silva de Sousa. - 2022.
58 f.

Orientador(a): Luis Hernan Uribe.

Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2022.

1. Arthur Schopenhauer. 2. Gênio. 3. Pintura, Paul Klee. I. Hernan Uribe, Luis. II. Título.

CHRYSTHIAN SILVA DE SOUSA

**ARTHUR SCHOPENHAUER E PAUL KLEE: O Gênio artístico e a pintura
como revelação.**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em Filosofia pelo curso
de Graduação em Filosofia da Universidade Federal do
Maranhão.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luis Hernán Uribe Miranda (orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Luís Inácio Oliveira Costa
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em um primeiro momento, aos meus familiares pelo constante incentivo ao estudo e pela demonstração da possibilidade de mudança proporcionada pela educação, bem como pelos meios necessários para isso, disponibilizando o tempo necessário para o envolvimento com as atividades acadêmicas até a conclusão do curso.

Destaco também a importância que todos os professores da Universidade Federal do Maranhão tiveram em minha formação, tanto em momentos de glória e reconhecimento do esforço, quanto nas críticas construtivas ao longo de todo o curso, assim como os professores que ajudaram indiretamente para a minha formação com suas grandes contribuições nos artigos científicos. Agradeço especialmente ao Professor Dr. Luis Hernán Uribe Miranda pela amizade construída, pela confiança depositada durante a orientação do projeto e pelo tempo disposto para indicar as melhores direções para o trabalho.

“Não se haverá de compreender por fim a natureza em seu âmago?”

- Goethe

RESUMO

O presente trabalho busca examinar a relação do conceito de gênio presente na perspectiva estética de Arthur Schopenhauer, assim como, uma análise da obra artística de Paul Klee, buscando-se fazer possíveis relações entre os dois autores. O seguinte trabalho de conclusão de curso busca identificar aproximações que se darão através de um estudo do campo metodológico e teórico do artista plástico, que terão como fim a compreensão das características do conceito do gênio que se fazem possíveis na sociedade contemporânea. Este trabalho foi realizado com base em pesquisa bibliográfica, onde foram examinados livros, artigos, revistas e documentários. Através dessa pesquisa examinou-se que a transformação artística, como o surgimento de novos movimentos, possibilita uma nova maneira de compreender o gênio artístico, apresentando novos problemas a serem superados como o surgimento das mídias sociais e o esvaziamento da arte.

Palavras-chave: Gênio. Paul Klee. estética. Schopenhauer.

ABSTRACT

The present work seeks to examine the relationship of the concept of genius present in Arthur Schopenhauer's aesthetic perspective as well as an analysis of Paul Klee's artistic work, seeking to make possible approximations between the two authors. The following course completion work seeks to identify approximations that will occur through a study of the methodological and theoretical field of the plastic artist, which will have as its purpose the understanding of the characteristics of the concept of genius that are possible in contemporary society. The work was carried out based on bibliographical research, where books, articles, magazines and documentaries were examined. Through this research, it was examined that artistic transformation, such as the introduction of new movements, enables a new way of understanding artistic genius, presenting new problems to be overcome, such as the impetus of social media and the emptying of art.

Keywords: Genius. Paul Klee. Aesthetic. Schopenhauer.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	COMPREENDENDO O GÊNIO EM SCHOPENHAUER	14
2.1	A CONTEMPLAÇÃO ESTÉTICA	21
2.2	A GENIALIDADE E A LOUCURA	25
3	PAUL KLEE: A ARTE COMO REVELAÇÃO	30
3.1	O PENSAMENTO COMO FORÇA CRIATIVA	38
4	O DESAFIO PARA O GÊNIO ARTÍSTICO CONTEMPORÂNEO	44
4.1	A FORÇA CRIATIVA COMO FERRAMENTA DE LIBERTAÇÃO	49
4.2	AS NOVAS FORMAS DE EXPRESSÃO DO GÊNIO ARTÍSTICO	54
5	CONCLUSÃO	58

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como meta desenvolver o conceito filosófico do Gênio elaborado pelo filósofo Arthur Schopenhauer, que, apesar de perpetuar-se na história da filosofia com uma visão pessimista do mundo, exerce um papel importante quando utiliza sua compaixão com a humanidade para realçar a importância da arte para os indivíduos. Ele nos mostra que, apesar da crueldade do mundo, podemos encontrar breves momentos de alegria quando entramos em contato com as obras de arte. Através da figura do Gênio, somos possibilitados a encontrar, por um momento, uma felicidade autêntica e verdadeira. Arthur Schopenhauer nos dirá que essa comunicação não será possível quando se perde o caráter final da obra de arte, uma desvinculação da vontade, da realidade.

Diante disso, teremos como base uma análise do artista Paul Klee (1879-1940), um artista suíço/alemão que foi amplamente reconhecido em sua vida por realçar em sua produção artística um ideal de liberdade e por abordar temas polêmicos. Esses ideais foram interrompidos durante a ascensão do regime nazista na Alemanha. Em 1932, ele produziu a obra "Máscara do Medo", que representava o medo do artista diante das ameaças e repressões do regime nazista. Essas repressões ainda são relevantes nos dias de hoje, frequentemente colocando a arte em categorias que denigrem o artista, como víamos anteriormente com as chamadas "artes degeneradas". Hoje, busca-se encontrar formas de conexão entre o artista e o conceito, visando contemplar um novo olhar, mais contemporâneo, para a ideia filosófica do Gênio artístico de Arthur Schopenhauer.

Nessa perspectiva, cabe fazer uma análise da constante mudança que um artista de gênio, na concepção da filosofia de Schopenhauer, pode passar conforme a sociedade. Através da análise das pinturas do artista Paul Klee, será possível traçar um paralelo entre a pintura que não tem como finalidade propor essa libertação da individualidade e do sofrimento, e uma pintura transgressora que busca romper com o esvaziamento do objeto artístico. No entanto, para atingir esse objetivo, é necessário ultrapassar obstáculos.

Nesse sentido, tratamos de maneira geral a principal raiz investigativa do filósofo no campo estético, entendido como um dos três pilares em sua teoria de libertação da vontade. Este campo exige novas perspectivas e abordagens dentro da academia, dada a relevância e atualidade do conceito.

Dito isso, surge a indagação de como o sujeito de Gênio supera os novos obstáculos relacionados à comunicação da arte com aqueles que estão alheios, seja por escolha própria ou não. Se anteriormente a grande preocupação em torno do Gênio estava em seu próprio entendimento como tal, agora, ainda mais, são os fatores externos que transformam o próprio objeto artístico. Isso requer uma compreensão tanto interna quanto externa para que o artista possa realmente atuar como um intermediador da arte.

Partindo dessa premissa, surge a hipótese de que a ideia de arte autêntica delineada por Schopenhauer perde seu papel de protagonista ao longo da história da arte. A pintura acaba sendo vista como um mero item decorativo ou uma forma de manter posições sociais, e seu papel de alívio do sofrimento é substituído ou reprimido, uma vez que os valores artísticos podem ser ditados externamente. Isso ocorre devido à falta de compreensão do artista e da finalidade de sua arte, e cabe ao artista de Gênio a responsabilidade de resistir à produção de uma obra de arte que se transforme em uma ferramenta de manipulação.

Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica das principais obras de Arthur Schopenhauer, como "O Mundo como Vontade e Representação", "A Metafísica do Belo" e "Parerga e Paralipomena", a fim de compreender essa figura tão singular no âmbito da arte plástica e filosófico. Além disso, foram investigados artigos científicos, documentos, e artigos acadêmicos, bem como foram analisados documentários. Além disso, conduziu-se uma análise direta das produções artísticas de Paul Klee, abrangendo desde obras de estudo anatômico até aquelas que estavam em um plano puramente simbólico. Através dessa conexão entre o filósofo e o artista, foi possível compreender a complexidade do tema abordado neste trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado "O Conceito de Gênio em Schopenhauer," é realizada uma análise bibliográfica da ideia apresentada por Schopenhauer. Também se busca desenvolver o que caracteriza ou não um indivíduo como sendo de gênio e, principalmente, qual é a importância, de acordo com Schopenhauer, desse conceito na produção de uma obra de arte e para o bem-estar humano. Em seguida, procura-se compreender em que sentido a arte falha em proporcionar uma felicidade genuína, conforme a perspectiva do filósofo.

No segundo capítulo, aborda-se a análise artística da produção de Paul Klee, intitulado "Paul Klee: A Arte como Revelação." Busca-se entender o método de produção utilizado por Paul Klee a partir de suas obras, desde a intuição do que será representado na tela em branco, analisando como ele desenvolve sua criatividade e contribui para o legado da arte moderna. Considera-se as várias fases de produção do artista, desde uma abordagem mais representativa da realidade até uma mais simbólica.

No terceiro capítulo, procura-se, através do cruzamento do conceito de gênio do filósofo alemão com o método de produção artística de Paul Klee, entender de que forma um artista de gênio pode superar os obstáculos que impedem os artistas contemporâneos de comunicar e despertar interesse em sua obra. Explora-se de que maneira podemos identificar em Paul Klee as características do sujeito de gênio que consegue estabelecer essa comunicação, mas também como isso demanda novos métodos de produção artística.

Assim podemos afirmar que há uma confirmação da hipótese proposta a partir da resposta do problema central em questão, assim como foram atingidos os objetivos do trabalho, indicando que foram traçadas as características apresentadas pelo filósofo Arthur Schopenhauer sobre o conceito de gênio. Assim como também, analisadas as obras e métodos de produção do artista plástico, que o artista de gênio sofre interferência de seu meio social, isso influencia diretamente em seu método, como vimos a transformação da arte em ferramenta da qual Paul Klee irá se deparar.

Há influência também do método de consumo artístico contemporâneo, da arte se transformar como item decorativo, não mais de contemplação. Impossibilitando assim o papel do gênio de ser um intermediário entre a ideia e o homem, mas também indicando que enquanto sujeito de gênio e a perpetuação do sofrimento, há a

possibilidade de encontrar novos caminhos para a arte e restabelecer seu papel na sociedade.

O trabalho se conclui fazendo se efetivar sua principal linha de pesquisa que é a investigação desse conceito tão importante dentro da estética filosófica que é o gênio e suas características, principalmente na perspectiva de Arthur Schopenhauer. E os novos caminhos que se apresentam e que conflitam com tal conceito, dando a devida importância ao papel do artista na sociedade e os caminhos que deve seguir na perspectiva do filósofo para não ter sua produção usada para outros fins que não o de proporcionar aos sofredores um instante de felicidade.

2 COMPREENDENDO O GÊNIO EM SCHOPENHAUER

Para entender o contexto que levou Arthur Schopenhauer a desenvolver o conceito de gênio, é importante fazer uma breve explanação sobre a noção de Vontade em sua filosofia, uma ideia que está diretamente relacionada com o conceito de gênio. A Vontade é o conceito central quando analisamos o cerne de sua filosofia, e ela se expressa já pelo título de sua obra principal, "O Mundo como Vontade e Representação," publicada em 1819.

Nessa obra, Schopenhauer divide o mundo em duas partes: Representação e Vontade. Com a noção de Representação, o autor destaca que o mundo é entendido como algo percebido por um sujeito, portanto, trata-se de um mundo fenomênico. Dentro desse sujeito estão presentes as "categorias de espaço, tempo e causalidade" (SCHOPENHAUER, 1999). Assim, o corpo humano ganha extrema importância no desenvolvimento de sua teoria da Vontade.

A partir dessa noção, a ideia de representação sugere que esse sujeito utiliza algumas categorias, que foram tratadas anteriormente por outros filósofos, como as noções de passado e futuro. Esses conceitos são importantes porque os indivíduos utilizam as categorias de "espaço e tempo" para compreender o mundo que se apresenta. Logo no início de sua obra, o autor demonstra que está buscando propor uma filosofia universal e epistemológica, e ele traz influências do filósofo alemão Immanuel Kant, que é um dos pilares de seu pensamento.

Para entendermos como se desenvolve o viés epistemológico em Schopenhauer, podemos começar analisando as primeiras palavras do livro *O mudo como vontade e representação*, sendo elas "O mundo é minha representação". Para o filósofo todo o conhecimento diante do mundo é apenas "objeto em relação ao sujeito", que se daria através de um intuir do indivíduo. A partir de então temos a representação da realidade, o mundo que sentimos, e essa realidade que irá se desdobrar no "tempo e no espaço" (SCHOPENHAUER, 2015).

Com essa afirmação no início do texto, o filósofo pretende demonstrar a definição de que todas as nossas representações estão dentro de categorias racionais, como o entendimento. Logo em seguida, ele desenvolverá a noção de Vontade, que está fora dessas categorias racionais, sendo um conceito metafísico em Schopenhauer. É importante compreender que essa divisão entre "representação e vontade" não deve ser entendida como independente no mundo, pois são conceitos interdependentes em sua filosofia, que se correspondem e se complementam.

E com a ideia de que o mundo é a nossa representação, Arthur Schopenhauer define como ocorre a nossa relação de conhecimento com o mundo. Ele afirma que esse sujeito que representa é o único que pode conhecer, mas nunca pode ser conhecido. Para o autor, o conhecimento surge da impressão provocada nos sentidos e será sempre uma relação desse indivíduo em particular com o mundo, com sua representação. Schopenhauer descreve esse indivíduo como um farol que ilumina o mundo, conhece, mas não pode se iluminar, não pode se conhecer.

O ato de conhecimento começa pela impressão, ou seja, por uma modificação produzida sobre os órgãos de nossos sentidos e, a menos que nos aventuremos pelo campo da hipótese, não podemos remontar para além desse limite.(SCHOPENHAUER, 2011, p 147)

De outra perspectiva temos o mundo como Vontade, conceito classificado pelo autor como metafísico, mas que se apresenta de maneira imanente no mundo, através das objetivações. Ou seja, a vontade se manifesta nos elementos da natureza. No desenvolvimento dessa questão o autor faz uma classificação da vontade, é posta como uma força caótica que está por trás dos fenômenos que presenciamos no mundo, são fenômenos provocados pela vontade que captamos no mundo enquanto representação. Para Schopenhauer o que está além do mundo que podemos representar é a própria Vontade.

O autor faz uma abordagem singular de um conceito apresentado por Kant que seria inacessível ao homem, sendo a "coisa em si" a própria vontade. Apresentada por Schopenhauer, é a essência de tudo que existe e engrenagem para a realidade, quando falamos que esse conceito é tratado como imanente por Schopenhauer é porque o filósofo vai direcionar toda sua reflexão para o mundo, se afastando da corrente idealista alemã da qual era contemporâneo.

Sua direção de investigação irá para o que há de concreto e perceptível, pois essa é a única forma de se relacionar com o mundo, como identifica a professora Cacciola : “Em Schopenhauer, o conhecimento estético é objetivo, pois dado por meio da objetivação das Ideias, mas que parte de um sujeito cognoscente “puro” (rein Subjekt des Erkennens)” (CACCIOLA 2012). Ou seja, através da sensibilidade, e esse conhecimento que temos do mundo irá considerar as maneiras de como a vontade se apresenta no mundo, sendo mais específico, nos mais distintos graus na natureza.

Os diferentes graus de objetivação da vontade expressos em inumeráveis indivíduos e que existem como seus protótipos inalcançáveis ou formas eternas das coisas, que nunca aparecem no tempo e no espaço, médium do indivíduo, mas existem fixamente (...) Graus que se relacionam com as coisas particulares como suas formas eternas ou protótipos. (SCHOPENHAUER, 2015, § 25, p. 151)

No grau mais baixo de objetividade, ou seja, de apresentação, está no âmbito mais grosseiro do mundo (devemos levar em questão um critério de afastamento da razão), como as rochas, o rio que se mostra incessante na irrigação da terra. A vontade como a força que movimenta e que sustenta esses fenômenos naturais. Já no mundo animal não racional temos mais um grau da vontade, se diferencia do grau mais baixo por que agora mostra sua principal força e objetivo, sendo a sobrevivência como fruto do instinto já se fazendo presente.

Destacamos a sobrevivência pois essa noção irá envolver toda a filosofia de Schopenhauer e sentido existencial, se equiparando a noção de permanência como principal objetivo da vontade no mundo. O animal mata para comer porque tem fome e tem fome porque teme a morte. É capaz de sentir o perigo iminente da morte mesmo sem o uso da razão, pelo meio simplesmente instintivo, posteriormente Schopenhauer eleva isso até o amor, do qual discorre sobre o amor como uma ferramenta da natureza para perpetuação da espécie.

Retornando à ideia de vontade, seu grau mais elevado se manifesta no próprio homem, no âmbito do entendimento em que o homem consegue pensar sobre sua própria existência. Ou seja, enquanto percepção material da vontade, do qual se percebe enquanto querer incessante. Nesse momento Schopenhauer estabelece o que será uma importante contribuição para a filosofia contemporânea no sentido de

se pensar as angústias, o sofrimento no mundo, fruto de uma vontade, cega, irracional e caótica, como é posto:

O mesmo também se mostra, por fim, nas aspirações e nos desejos humanos, cuja satisfação sempre nos acena como o alvo último do querer; porém, assim que são alcançados, não mais se parecem os mesmos, portanto, logo são esquecidos, tornam-se caducos e, propriamente dizendo, embora não se admita, são sempre postos de lado como ilusões desfeitas; suficientemente feliz é quem ainda tem algo a desejar, pelo qual se empenha, pois assim o jogo da passagem contínua entre o desejo e a satisfação. (SCHOPENHAUER, 2015, § 29, p. 190)

Destacamos a famosa metáfora utilizada por Schopenhauer para representar a condição humana: que seria o pêndulo que oscila entre tédio e sofrimento, sofrimento enquanto você busca por algo que não tem, movido por um desejo incessante da vontade, tem uma falsa impressão que sentirá felicidade ao obter o objeto desejado, mas após a satisfação desse desejo se encontra o tédio, o que antes era desejo se torna um breve período de felicidade, mas que não freia o desejo incessante.

Sua ilusão é desfeita quando percebe a futilidade que é a satisfação do desejo, seu querer incessante é movido para outro objeto, e assim incessantemente. A percepção que deve se ter diante do desejo em Schopenhauer é que ele não faz só uma crítica a pretensão da felicidade que se demonstra ilusória, mas a crueza de sua filosofia está em destacar que o querer em si não pode ser controlado. Não se trata de uma visão epicurista do mundo, no âmbito de fazer escolhas certas ou erradas, analisando ou não o futuro em busca de uma felicidade, mas sim apresentar a fatídica condição do homem, escravo do querer, onde até não fazer nada é uma escolha.

Nasce assim, sua visão pessimista do mundo, quando percebe que o mesmo é movido por uma força que não tem sentido, e não tem sentido porque não busca por algo, sua essência é o buscar. Sendo a própria vontade caótica e irracional que se manifesta no mundo expressa no querer do homem, essa ambiguidade que demonstra uma originalidade e rompimento na filosofia de Schopenhauer com a

tradição. Em que irá destacar o irracional como uma importância equiparada ou até maior que a razão.

Diante deste panorama do mundo, Schopenhauer percebe que o homem desenvolveu também métodos para lidar com seus sofrimentos, sendo através das várias manifestações artísticas. E era um âmbito que a tradição alemã filosófica havia deixado de lado, ou com as próprias palavras do autor “não haviam se debruçado o suficiente”. Para o filósofo a arte e o artista de Gênio passa então a ter um papel tão relevante quanto os próprios filósofos na concepção de se analisar as mazelas do mundo, pois é na arte que encontramos um dos poucos caminhos que o homem pode se desvincular desse sofrimento.

A primeira vez da qual Arthur Schopenhauer nos apresenta o conceito de gênio se faz presente no livro III de O mundo como vontade e representação, e posteriormente em 1851 o conceito é abordado também na obra Parerga e Paralipomena. Mas antes de um aprofundamento na ideia posta, cabe ser necessário fazermos uma distinção mais detalhada e expor uma certa ambiguidade que o conceito tem dentro da filosofia de Arthur Schopenhauer.

A ambiguidade se dá quando analisando a ideia de Gênio, nós o temos enquanto aptidão que todos os seres humanos teriam para através da arte ser possibilitado a contemplação do belo, portanto, temos assim, um Gênio mais democrático. Podemos entendê-lo como uma ferramenta que hora pode ser desperta, assim como não pode e esse sujeito de massa, ordinário, falando no âmbito artístico, não teria capacidade então de se desvencilhar do querer incessante da vontade.

Percebemos que de certa forma Schopenhauer privilegia determinados indivíduos, colocando a categoria de gênio como algo que só alguns poderiam desenvolver. Mas não exclui a arte de todos os seres humanos, pois ela é um pilar necessário de toda a sua filosofia, sendo assim a arte não será caracterizada como algo direcionado para poucos, mas cabe da determinação dos próprios seres humanos em desenvolver essa aptidão artística.

Podemos identificar esses indivíduos quando observamos a grande massa da sociedade, que, como uma engrenagem, precisa de todas as peças para funcionar, cada indivíduo encontra uma função na sociedade e assim renuncia a sua perspectiva artística diante do mundo. Poderíamos supor que em um olhar

Schopenhaueriano é mais difícil ter entre esses indivíduos um gênio artístico se não for no sentido mais democrático.

Quando falamos em sentido democrático, estamos nos referindo à possibilidade, pois o gênio artístico de forma alguma se encaixaria em uma sociedade movida pelo desejo incessante. O despertar desses indivíduos e a abertura para a arte se tornam quase impossíveis quando estão imersos nessa sociedade, da qual Schopenhauer reconhece ser um privilégio ter tempo disponível para desenvolver uma sensibilidade artística mais profunda.

Além disso, em outra perspectiva da ambiguidade do conceito de Gênio, nos deparamos com o lado propriamente artístico. São aqueles sujeitos com a capacidade de intuir o mundo e contemplar a beleza da natureza. É o contato direto desse indivíduo com a ideia que a natureza quis expressar, é desvendar o que está por trás dos limites da objetivação, ou seja, da manifestação da ideia na natureza. Nesse momento, o autor recorre a um conceito muito presente, especialmente no Hinduísmo, chamado de "Véu de Maya".

Trata-se de Maya, o véu da ilusão, que envolve os olhos dos mortais, deixando-lhes ver um mundo do qual não se pode falar que é nem não é, pois assemelha-se ao sonho, ou ao reflexo do Sol sobre a areia tomado a distância pelo andarilho como água, ou ao pedaço de corda no chão que ele toma como uma serpente. (SCHOPENHAUER, 2015, § 3, p. 9)

O conceito de "Véu de Maya" ou "Véu de Ilusão" nos remete às ilusões que temos diante do mundo que representamos, o qual, na realidade, não é como o representamos. O gênio artístico se manifesta no sujeito que consegue enxergar a realidade para além desse véu de Maya, para além das aparências. Nesse sentido, podemos entender o indivíduo dotado de gênio quando ele se distancia do princípio da razão diante da percepção do mundo.

Em Schopenhauer, a razão é vista como uma ferramenta que está a serviço da Vontade e se manifesta no ser humano para satisfazê-la. A relação do indivíduo dotado de gênio com o mundo se dá através do "intuir", como o autor destaca. Esse "intuir" implica em uma compreensão mais profunda e intuitiva da realidade, indo além do mero raciocínio lógico, e permite ao gênio artístico captar a essência subjacente

às aparências. É por meio desse intuir que o gênio é capaz de criar obras de arte que revelam aspectos mais profundos e significativos do mundo.

Desta forma, a genialidade é a capacidade de se comportar apenas intuitivamente, se perder na intuição e arrebatado o conhecimento, existente originalmente somente para tal fim, ao serviço da vontade, i. e., abstrair por completo de seu interesse, seu querer, seus objetivos, despojar-se por um tempo inteiramente de sua personalidade, para permanecer como sujeito puro do conhecimento, límpida vista do mundo: e isto não por instantes, mas durante o tempo necessário, e com tal circunscrição, para reproduzir o apreendido mediante uma arte estudada, e assim “o que paira em imagens oscilantes, ser afirmado em pensamentos permanentes”. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 37)

Nesta passagem da obra, podemos identificar algumas características dos indivíduos destacados por Schopenhauer. Uma delas, como mencionado anteriormente, é a ideia de que o homem de gênio é uma luz que revela o que está oculto pelo véu de Maya. Schopenhauer enfatiza que o conhecimento está a serviço da Vontade, ou seja, a própria razão presente no homem se coloca a serviço da Vontade. A razão é considerada um instrumento da Vontade, daí a importância desse distanciamento no campo artístico. É fundamental lembrar que Schopenhauer parte de um conceito metafísico, mas ao mesmo tempo, esse conceito se manifesta no mundo.

A Vontade, como já mencionado, se manifesta no mundo, e o mundo é, na verdade, sua objetificação em graus distintos. Enquanto a Vontade permanece oculta, temos a oportunidade de acessar sua objetivação. O “véu de Maya” é utilizado por Schopenhauer como uma metáfora para ilustrar nossa cegueira diante do mundo. Cabe ao sujeito puro do conhecimento, livre de quaisquer amarras da Vontade e distanciado de sua individualidade, nos mostrar o que está por trás desse véu de Maya através da arte.

Para isso, então, é preciso ter um afastamento de modo de agir e pensar da grande massa de indivíduos que compõem a sociedade, existindo um inquietamente diante da sociedade, uma insatisfação. Pois quando há a acomodação é sinal que essa vontade está sendo nutrida e você um escravo dos desejos, logo, esses indivíduos não permitem ser absorvidos pelos impulsos da vontade, a realidade apenas não lhes basta, logo surge assim outra característica desses indivíduos que é

destacado pelo autor que se dá na relação desse indivíduo com a realidade que é a fantasia.

2.1 A CONTEMPLAÇÃO ESTÉTICA

Neste segundo momento, vamos identificar o modo de conhecimento que provém do gênio artístico, que ocorre na relação com a obra de arte, seja ela uma pintura, música ou escultura. O que será apresentado é que, em ambas essas contemplações, há algo em comum: a capacidade que provém do gênio e do sujeito de conhecer a ideia subjacente àquela obra sem recorrer ao princípio da razão.

O indivíduo que consegue estabelecer essa relação com a ideia contida na obra de arte sem recorrer ao uso da razão é identificado por Schopenhauer como o "sujeito puro," independente da vontade e do conhecimento (SCHOPENHAUER, 1999). Isso significa que ele é livre de interferências por parte da razão em sua contemplação de uma obra artística. Portanto, o objeto final que deve ser captado na obra de arte é a ideia. Schopenhauer afirma que a matéria por si só não pode apresentar uma ideia, mas pode servir como o elo entre a ideia e o sujeito que conhece (JESUS, 2015). A ideia é independente do sujeito e para ser apreendida, é necessário que haja uma aniquilação da individualidade.

Schopenhauer é extremamente categórico, principalmente no campo artístico, pois ele compreendia a importância filosófica desses tipos de conhecimento. Ele categoriza os objetos que devem ser tratados na pintura, conforme exposto pelo autor. Essa visão pode parecer autoritária e divergir da visão contemporânea da produção artística. Na perspectiva de Schopenhauer, destaca-se novamente o papel da razão na elaboração da obra de arte.

Mas, deve-se deixar claro que para o autor, todos os homens podem chegar nesse estado em certa medida, ou graus distintos, pois, se não houvesse essa possibilidade teríamos que desconsiderar toda a importância e relevância da obra de arte na história da humanidade. É novamente, retomando o caráter mais democrático da contemplação artística, capacidade inata em todo indivíduo. A grande distinção que se dá entre esses indivíduos e o Gênio é que no gênio essa capacidade se apresenta em maior grau, e através dessa sensibilidade artística é possibilidade para ele a capacidade de reprodução, a capacidade de tornar aquela ideia conhecida, ser

passada adiante para os indivíduos que ainda não tiveram suas sensibilidades despertas.

Conseguimos caracterizar então que Schopenhauer defende uma visão de prazer estético individualista, que se dá na relação diretamente do sujeito contemplador e objeto contemplado, objeto esse que pode ser identificado enquanto produção artística necessariamente, mas pode também se dá numa relação desse sujeito e a natureza, se for possibilitado na natureza esse mesmo prazer estético presente mais facilmente na obra de arte, “pela opulência da bela natureza convidando a sua intuição, se impondo mesmo”.(SCHOPENHAUER, 1999).

A contemplação estética, na perspectiva do gênio, tem, nesse sentido, a importância de comunicar essa ideia apreendida, desenvolvemos nos próximos capítulos a natureza dessas ideias quando identificarmos na pintura contemporânea a sua demonstração, e o autor nos revela que esse indivíduo dotado de gênio poderá nos emprestar seus olhos que conseguiram captar a ideia e exprimi-los na obra de arte e ele será tão impactante quanto mais ele se distancia da realidade e a razão e se aproxime na ideia e da sensibilidade.

O que irá guiar essa visão de uma idealização da obra de arte será a questão do querer, e nesse sentido o filósofo coloca como central, que a pintura busque de algum modo não excluir o aspecto de representar as ações humanas na tela. Não devemos ser anacrônicos nessa análise artística de Schopenhauer, pois o grande objeto central da pintura do século XVIII é as diferentes idealizações do corpo e razão na obra de arte, e Schopenhauer é influenciado pelos grandes nomes surgidos principalmente na Alemanha.

Assim, quando tratamos da noção de “ideia” exposta por Schopenhauer, devemos considerar que o filósofo resgata a noção de ideia platônica, no sentido de poderem ser caracterizadas como eternas e imutáveis, essas ideias fazem parte da objetividade, ou seja, da manifestação do princípio chamado Vontade no mundo, é a forma primordial, livre das modificações presentes no mundo. Sendo assim elas se manifestam no mundo de forma defeituosa assim como na visão platônica, o que será objeto da obra de arte é expressar essa ideia defeituosa de forma mais primorosa quanto for possível.

Por isso tamanha importância da arte para Schopenhauer, pois ele revela que a arte tem a capacidade de reproduzir as ideias eternas. E a maneira que a arte encontra de reproduzir essas ideias eternas é através da contemplação e reprodução da ideia nos objetos artísticos, como é exposto a seguir:

É a arte, a obra do gênio. Ela reproduz as ideias eternas, apreendidas mediante pura contemplação, o essencial e permanente de todos os fenômenos do mundo, e conforme a matéria em que ela reproduz, se constitui em artes plásticas, poesia ou música. Sua única origem é o conhecimento das ideias; seu único objetivo, a comunicação deste conhecimento. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 36)

O autor entende as diferentes formas de manifestações artísticas como instrumentos de comunicação, comunicação de um conhecimento que já se fecha por si próprio, o conhecimento da ideia eterna. Para entendermos melhor essa questão, o autor traça uma relação com o conhecimento científico e a noção de satisfação plena, da qual o conhecimento científico não pode atingir, pois há sempre questões que serão levantadas após a resolução de um problema, sendo assim um conhecimento inacabado, que seu objeto muda constantemente tal qual o querer.

Podemos fazer uma relação também com a própria ideia de vontade, pois devemos considerar que em sua filosofia, essa força caótica nos coloca em um círculo vicioso de sofrimento e tédio. Nesse sentido o autor critica qualquer método de conhecimento em que se estabeleça e se estimule a ideia de desejo incessante, que nesse caso se daria através de um conhecimento que nunca se dá por completo. ao contrário da contemplação estética que o conhecimento da ideia te distancia de qualquer relação com o mundo e tudo que envolve a razão.

Iremos identificar nesse ato de contemplar o objeto artístico dois elementos que se apresentam em conjunto, como vimos anteriormente o objeto que é contemplado e o indivíduo que contempla, enquanto objeto a ser contemplado nós podemos identificar a noção platônica de ideia, enquanto forma imutável e eterna que se apresenta na natureza. E o indivíduo contemplador, que, no momento da contemplação consegue se desvincular das interferências da razão.

Terá a possibilidade de se contemplar o belo se necessariamente esses dois elementos se darem em conjunto, pois, como vimos anteriormente, é necessário um afastamento do princípio de razão que poderia interferir na contemplação estética. “A condição sob a qual ambas as partes aparecem sempre reunidas era o abandono do modo de conhecimento preso ao princípio da razão”.(SCHOPENHAUER, 1999). Schopenhauer fala das nossas idealizações que podem se manifestar na obra de arte interferindo o processo.

Entendemos essa alheação do conhecimento como uma libertação que pode ser semelhante ao sonho, então em certo sentido, podemos entender a perspectiva de contemplação como uma elevação quase total da consciência. É um perder-se no objeto artístico, pois tão logo que ele se recorda de si a contemplação é manchada com a realidade de sofrimento que o cerca. É fácil de identificarmos esses momentos de contemplação quando vemos pessoas ao olharem uma tela por horas e horas, totalmente desconexa do tempo e espaço.

Para uma melhor absorção de tudo que foi dito até o momento no que diz respeito a contemplação estética, podemos destacar a pintura como objeto a ser contemplado no próximo capítulo. Mas também como artifício de reprodução de uma ideia que se mostra oculta até o olhar do indivíduo genial elucidá-la, durante a produção de uma pintura Schopenhauer estabelece algumas condições que deve identificá-la como autêntica na sua perspectiva estética e um ponto que será fortemente criticado pelo filósofo.

Compreendemos então que as produções artísticas terão um papel extremamente importante na filosofia de Schopenhauer, sendo entendida como uma das suas principais colaborações para a filosofia contemporânea, influenciando principalmente nomes como Friedrich Nietzsche (1844-1900), com a importância que dá para a música. Mas outro campo com uma extrema importância para Schopenhauer, e que não é desenvolvido tanto como a música é os campos das artes plásticas, com a pintura principalmente.

2.2A GENIALIDADE E A LOUCURA

Mas cabe aqui antes fazermos uma distinção do uso desse termo, pois será um dos pontos característicos do gênio. Teremos “fantasia” enquanto qualidade que beneficiará um indivíduo de gênio e um sujeito “fantasista”, do qual o autor destaca serem coisas completamente distintas e que por vezes podem ser confundidas. Quando analisamos a fantasia simplesmente enquanto ferramenta, ou seja, como um caminho para perceber e representar a realidade, será o principal ponto que diferencia esse indivíduo de gênio apresentado por Schopenhauer ou não.

Enquanto o chamado “homem comum”, ou seja, esse indivíduo que não tem uma percepção artística diante do mundo, teria uma dificuldade no desenvolvimento dessa qualidade. Cabe ser destacado o papel hierárquico social, a disponibilidade e a possibilidade de lazer, do qual é retirado desse indivíduo. Quando essa posição social não é uma impossibilitadora, existe o livre fluir da fantasia, e que essa funcionalidade da mente irá funcionar com o propósito de completar o que a natureza esboçou, como explana Schopenhauer:

O homem comum não permanece muito tempo com pura intuição, não fixando por muito tempo sua visão num objeto, mas procura em tudo que se lhe apresenta apenas rapidamente o conceito sob o qual o alojar, assim como indolente procura a cadeira, após o que isto já não lhe interessa. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 37)

Vemos nesse trecho um retrato do qual Schopenhauer destaca da vida da grande massa operária daquele período, em que se tinha o tempo reduzido diante da efervescência do desenvolvimento industrial. Essa noção de fantasia então, como explana Schopenhauer, irá ampliar a visão do gênio sobre as ideias que buscam se apresentar na realidade de forma defeituosa e possibilitar uma harmonia a partir dessa forma.

Podemos entender melhor através de uma analogia feita pelo autor, quando, por exemplo, através da escultura, o que antes se tinha com um pedaço de mármore caótico e bruto, passa-se a ter formas, movimento e harmonia, ou diante da natureza essa pessoa é inspirada pela vista e com a fantasia complementa essa percepção na

tela, nesse sentido, através da fantasia fez o que se pretendia mostrar na natureza, possibilitando que se mostre na obra de arte.

Mas não podemos definir a fantasia em si necessariamente como uma exclusividade do indivíduo de gênio, pois qualquer pessoa poderia assim se intitular como gênio artístico, identificando esse traço em si. Pelo contrário, poderá ser um traço oposto, como irá destacar Schopenhauer, é necessário assim essa diferenciação que faz Schopenhauer abordar a questão dos fantasistas, no sentido em que seus produtos artísticos se fundamentam puramente na fantasia.

A crítica de Schopenhauer quanto a um conteúdo estritamente fantasista é devido ao caráter excessivamente egoísta no sentido que esse indivíduo distorce a realidade a partir de sua perspectiva e também além de ser uma noção ilusória diante da realidade. Que poderia acabar funcionando como um reforço ao véu de Maya, um reforço a um obscurantismo do homem diante da realidade, uma espécie de fuga da realidade, mas que acontece de forma equivocada, pois transforma em algo que não é.

Com esse dito obscurantismo, Schopenhauer destaca o exemplo dos romances, onde há a divisão simplória de bem e mal, herói e vilão, e cabe a quem consome esse tipo de material, de produção artística, diante de sua vontade. Além de se levar a ser representado facilmente como herói no sentido de se fantasiar em frente de sua insignificância diante da realidade, ou até mesmo as condolências exacerbadas com si próprio se entendendo como vítima. O fantasista é quem irá enganar a si mesmo, é nesse sentido que Schopenhauer irá destacar o papel egoísta e ilusório do fantasista. Como expõe o filósofo:

É possível contemplar uma imagem ilusória segundo estes modos: pelo primeiro, constitui um meio para o conhecimento da ideia, cuja comunicação é a obra de arte; no segundo caso, a imagem ilusória é utilizada para construir castelos no ar, que agradam ao egoísmo ou ao capricho próprio, iludem momentaneamente e deliciam.

(SCHOPENHAUER, 1999, p. 38)

Cabe fazermos uma reflexão desta questão levantada por Schopenhauer no que diz respeito a essa distinção entre o uso da fantasia e fantasista, o autor destaca a fantasia como uma ferramenta ora necessária para esse desenvolvimento artístico,

mas partindo de outra perspectiva pode ser prejudicial quando utilizada para a auto sabotagem, para a ilusão, mas podemos pensar que se essa ideia tem esse poder de autossabotagem, se levanta algumas problematizações.

Necessitou Schopenhauer desenvolver como esse indivíduo de gênio conseguiria perceber que não está se enganando, o que há de específico nesse indivíduo que não possibilita ele se deixar enganar enquanto um fantasista. Na produção de uma obra artística, seja na escultura, ou na arte plástica, é necessário indagarmos como irá ser perceptível a influência ou não de uma dessas ideias anteriores tratadas, para isso é necessária uma análise mais profunda.

Se analisarmos o principal papel do gênio apresentado por Schopenhauer, representar o mais próximo possível a ideia que se faz objetivada na obra de arte ou natureza, caberá termos essa resposta com os indivíduos exteriores, um olhar diferente do artista de gênio, e para esses olhares diferentes caberá existir por parte da obra artística um arrebatamento instantâneo, da qual Schopenhauer destaca quanto mais forte e instantâneo esse arrebatamento, esse encantamento, mais próximo da ideia aquela obra se aproxima e nesse sentido, mais autêntica.

Outro ponto que o autor busca elucidar na sua caracterização dos indivíduos de gênio e não possibilitar uma má interpretação será no papel da loucura nesses indivíduos, característica que é às vezes colocada quando esses indivíduos se revelam como pessoas que estão à margem da grande consciência coletiva, seja em forma de produção cultural, comportamental, etc.

Nesse sentido se propõe fazer uma correlação entre essas duas ideias, entre loucura e genialidade, buscando demonstrar suas aproximações e afastamentos, de imediato é ressaltado o papel da razão e do entendimento que se fazem presentes no louco sem muita dificuldade, ou seja, já adiantando que a loucura não era necessariamente originadora ou possibilitadora para a genialidade artística, aqui o autor faz usos de conceitos centrais de sua filosofia como tempo e espaço e causalidade.

Esses conceitos centrais serviriam como base para destacar que esse indivíduo considerado louco, não demonstra uma falha no que diz respeito a conexões de sua vida particular entre o passado e o futuro, esses indivíduos, mesmo que tapem essas lacunas da memória com imagens ilusórias, fictícias, para o autor ainda há no indivíduo louco uma possibilidade de relacionar passado e presente, bastando ele tapar essa lacuna com uma fantasia, sendo possível fazer o uso de seu

entendimento, a grande problemática está no uso de sua memória falha, como destaca:

Vendo assim o louco reconhecer o presente individual, de modo correto, sem fazê-lo, contudo com a conexão, as relações agindo e falando então de maneira adoidada; percebemos neste o seu ponto de contato com o indivíduo genial: pois também este, abandonando o conhecimento das relações, que é conforme ao princípio de razão, para ver nas coisas apenas suas ideias, e procurar aprender sua essência apresentada intuitivamente. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 44)

É notado historicamente uma certa relação entre loucura e genialidade, como grandes nomes que fizeram grandes feitos na humanidade e acabaram sendo taxados de excêntricos em seus comportamentos, existe algo de particular na loucura que irá possibilitar um olhar distanciado do indivíduo diante da sociedade, um olhar estabelecido muitas vezes pela própria sociedade, mas apesar das aproximações Schopenhauer faz uma distinção em um primeiro momento simplória da loucura enquanto condição clínica e também posteriormente enquanto característica que ajuda esse indivíduo gênial.

Enquanto condição clínica a análise de seu contexto faz com que o autor trace o louco como impossibilitado de desenvolver essa linha da memória de forma contínua, existindo então lacunas no pensamento que são preenchidas de forma fantasiosa, nesse ponto de ruptura de linha de pensamento Schopenhauer faz um paralelo com o gênio quando este não considera a ordem de acontecimentos das coisas, mas apenas o realce da ideia.

É realçado a ideia de extremismo de sensibilidade do gênio na medida de captar a ideia, o que lhe causa uma falta de equilíbrio, uma justa medida, nesse sentido se aproxima ainda mais com o louco. Devemos sempre levar em consideração o papel da razão e da ideia, apesar de Schopenhauer destacar esse afastamento do âmbito racional, chegar até a ideia é outro movimento que requer uma certa sensibilidade e análise da obra artística, como destacamos a seguir:

O que no objeto individual existe apenas em estado imperfeito e debilitado por modificações, o modo de consideração do gênio realça a ideia, perfeição; vendo extremos por toda parte, sua conduta também se traduz em extremos, não consegue atingir a justa medida(...). (SCHOPENHAUER, 1999, p. 44)

A loucura enquanto ferramenta que vai ser usada pelo gênio que irá nos interessar para entendermos esses traços peculiares de como esse sujeito apresentado por Schopenhauer se caracteriza, e para podermos tentar identificar esses indivíduos na sociedade vimos que esse sujeito de gênio abandona em um certo grau o objeto da razão, ou seja, qualquer característica ou preconceito que eu possa inserir nesse objeto a ser representado, percebido deve ser excluído.

O que interessa ao gênio schopenhaueriano é puramente a ideia, a noção de essência, que pode ser capturada intuitivamente, quando nos deparamos com toda a parte de contemplação estética presente em Schopenhauer deve se entender que se apresenta de modo intuitivo, nunca racional, longe do que de fato se apresenta no mundo.

Vimos também que através dessa contemplação com o objeto artístico ou com a natureza, esse indivíduo de gênio tem uma tendência a captar esse objeto de forma extremista, com isso queremos dizer que ele irá desconsiderar as nuances das características físicas desse objeto, pois de fato, a ideia perfeita não se apresenta no mundo.

Sendo assim, cabe ao gênio após a percepção extremada desse objeto realçar apenas a ideia, o lado “perfeito” da obra, desconsiderando as falhas de sua aparência física, as falhas da objetificação da vontade na obra para assim poder capturar o belo, conceito que será tratado no próximo capítulo com a análise artística do Artista alemão Paul Klee, buscando evidenciar as proximidades e distanciamentos presentes, características do gênio artístico Schopenhaueriano.

3 PAUL KLEE: A ARTE COMO REVELAÇÃO

Para começarmos, traçaremos um breve panorama da trajetória de Paul Klee como artista plástico. Paul Klee (1879-1940), originalmente suíço, nasceu na cidade de Berna em 18 de dezembro de 1879, mas se naturalizou na Alemanha. Ele se tornaria um dos nomes mais influentes a elevar a arte a um novo patamar, sendo um dos precursores do modernismo no século XX. Desde a infância, Klee demonstrou habilidades artísticas excepcionais, revelando uma notável destreza no desenho e na pintura, além de seu envolvimento com a música desde tenra idade.

Aos 11 anos, Klee já era um notável violinista, começando a tocar desde os 7 anos, uma conquista que encheu seus pais de orgulho, pois esperavam que o filho se destacasse no campo musical. No entanto, Klee estava mais inclinado à produção artística, onde se sentia livre para experimentar e explorar novas técnicas de pintura, algo que ele via como limitado no campo da música. Ele conseguiu se destacar com sua autenticidade própria na pintura.

No entanto, sua jornada no campo artístico não foi fácil, como talvez Klee presumisse. Em 1888, ele fez seu último exame encerrando seu ciclo escolar e, em seguida, mudou-se para Munique, buscando entrar na Academia de Belas-Artes, que era então a instituição mais conceituada para o desenvolvimento de artistas.

Inicialmente, Paul Klee procurou ter aulas introdutórias com Heinrich Knirr e, em seguida, concentrou-se nas gravuras, recebendo aulas de Walter Ziegler. Somente em 1900, ele começou a frequentar a Academia de Belas-Artes, mas logo a abandonou devido a discordâncias em relação aos métodos de ensino aplicados pela escola.

A cidade de Munique foi de extrema importância para Paul Klee, ali ele vai receber influências artísticas de todas as formas, na música, poesia, e principalmente na pintura, ali começa toda sua jornada de autoconhecimento enquanto um jovem pintor e artista plástico. Junto também do que pôde absorver da sua estadia na academia de belas-artes.

Passando alguns anos e após vários estudos no campo artístico, em 1906, Paul Klee já demonstrando uma maior maturidade e começa a desenvolver suas próprias técnicas de pintura, dentre elas que ficaram bem famosas estão os trabalhos com as aquarelas e a tinta cola.

Para adentrarmos nas produções do artista devemos antes nos situar em que momento Paul Klee vivia, pois são detalhes de extrema importância quando buscamos analisar um artista tão complexo, em suas obras Klee expressa todas as suas angústias e impressões sobre a realidade que o cercava, desde as inseguranças de um jovem até o temor do emergente autoritarismo nazista, que dominou a Alemanha naquele período, sendo assim, iremos nos deparar com a constantemente tensão e insegurança retratados em suas produções.

O que delineava Paul Klee no meio artístico eram suas obras serem caracterizadas por não seguir nenhuma corrente artística específica, o próprio artista falava: “Eu sou o meu estilo”, recusando qualquer caracterização, mas é claro que na construção de sua formação acaba recorrendo ao uso de um pouco de cada uma corrente, o que acaba encaixando-o no modernismo.

O autor é conhecido por conversar com o cubismo, expressionismo, surrealismo e principalmente o abstracionismo, além da sua vasta produção em aquarelas, onde através de um árduo trabalho teórico, o artista faz uso da tinta de forma primorosa, e extremamente preocupante do modo de como essa obra de arte seria recepcionada, pelo outro.

E Futuramente Paul Klee acaba ficando reconhecido como um dos pioneiros no movimento construtivista, que se caracteriza por ser um rompimento com um padrão de arte já imposto, ponto esse que vai experimentar na pele durante o surgimento do partido nazista na Alemanha, sendo sua arte caracterizada como degenerada por conta do abandono de um certo tradicionalismo na produção artística, esse abandono é por conta de uma mudança na produção, o artista passa a usar elementos como colagem, tecidos, madeira, além de outros objetos para compor a arte.

A influência de Paul Klee sobre o modernismo vai além da Alemanha, no Brasil se torna um grande nome de inspiração. No ano de 1951 começou-se a se pensar em trazer as obras de Klee para uma exposição no Brasil, tentativas frustradas logo no início, por conta de diversos empecilhos contratuais.

Houveram as primeiras exposições de Paul Klee na Bienal do IV centenário T – A “Bienal de Guernica”, em 6 de março de 1953, entre as obras que viriam, estavam classificadas “65 obras de Paul Klee para a Sala Especial dedicada ao artista, e de 42 obras, entre elas 6 esculturas, de 13 artistas alemães vivos”. Essa conexão de Klee

com o Brasil foi extremamente importante para a arte brasileira, artistas e apreciadores estavam tendo contato direto com um dos grandes precursores do modernismo.

É importante ressaltarmos o valor dessas exposições, pois isso nos afetará diretamente, no meio artístico e literário, e logo cultural. Se pegarmos a América Latina de um modo em geral, em comparação a outros países europeus, era carente em certa medida dessa arte mais emergente, como é exposto pelo curador alemão Josef Helfenstein:

Ao contrário do que acontece na Europa e na América do Norte e, de maneira crescente, no Japão, onde um número cada vez maior de exposições documenta a grande popularidade das obras de Klee, na América do Sul essas amostras não são frequentes. Uma das mais importantes ocorreu há 40 anos, no mesmo local, isto é, na 2ª Bienal Internacional de São Paulo (novembro de 1953 a fevereiro de 1954). (KLEE 2019, p. 290)

A importância se dá não só pela figura do artista em si, mas para o próprio mercado artístico, abre um caminho para outras exposições de outros artistas de fora por toda a América Latina e obviamente esse intercâmbio poderá acontecer de forma contrária, exportando obras artísticas da América Latina por toda Europa. Fomentando cada vez mais o berço cultural que é o Brasil. Hoje as Bienais continuam acontecendo e preservando e expondo para o mundo uma vasta gama de artistas brasileiros e artistas internacionais para apreciadores e artistas nacionais.

Para entrarmos nas análises das obras de Paul Klee e posteriormente traçarmos um paralelo com a ideia de gênio em Schopenhauer, identificando assim os desafios para esse gênio artístico contemporâneo, já tratado no capítulo anterior e seu método de reprodução contemporâneo, partiremos da obra intitulada “equilíbrio instável”, que reúne cerca de 100 obras do artista suíço, pensadas todas para compor uma exposição por toda a América Latina, essa obra foi elaborada no ano de 2009.

Traz como título essa palavra “equilíbrio” que será de extrema importância para compreendermos o trabalho de Paul Klee, utilizada em títulos e em tela também, como a constante preocupação com o equilíbrio entre as cores, cores, onde podemos identificar que Klee se utiliza durante a criação cores opostas nas escalas de cores, fazendo transpor essa harmonia para a tela.

Uma frase de Paul Klee se torna um marco quando ele diz que: “A arte não

reproduz o visível, ela torna visível”. Frase que requer um certo aprofundamento para evitar entendimento precipitado, podemos entender então que Paul Klee aponta que no processo de criação artística o indivíduo deve partir de princípios que antecedem a obra, esses princípios podem ser encontrados na natureza, que princípios são esses? A própria forma que irá ser expressa pela linha. Há então, antes do processo de criar, um meticuloso estudo na natureza e suas formas, como observamos na passagem a seguir:

Os padrões das linhas são semelhantes aos do corpo humano, apenas mais vinculados. Utilizo os resultados imediatamente em minhas composições ``(...) O artista reconhece as regras por meio do estudo da natureza e, à medida que as emprega no campo pictórico, converte essas leis naturais na base do próprio processo artístico. (KLEE, 2019, p. 16)

O artista faz um estudo variado de formas primárias que podem ser encontradas na natureza como, por exemplo, a estrutura de uma árvore, exemplo comumente citado por Klee, para a exemplificação do emprego das linhas, pode ser modificado no momento da criação pictórica, essa metodologia de criação é extremamente sensível, que requer um olhar apurado para o que não se apresenta de imediato.

Em um texto intitulado *Caminhos do Estudo da natureza*, de 1923, Klee desenvolve mais profundamente essa noção. O autor começa explicitando que não poderia ser de outra forma a produção artística, sendo o próprio homem como parte constituinte da natureza, a grande questão levantada então é por qual caminho esse artista deve percorrer, considerando-o como parte da natureza.

Klee expõe que historicamente essa pesquisa da natureza e para em seguida construir o objeto artístico, se dá de uma maneira visível, ou seja, o modo mais puro de ser afetado na sensibilidade, através dos olhos. Nascendo assim diversos movimentos artísticos e diferentes maneira da expressão artista se estabelecer. Movimentos que obviamente tem em si seus valores históricos, mas devemos lembrar que o artista deseja seguir um caminho pouco explorado na arte que é a revelação do oculto, esse é o novo caminho de pesquisa do qual deseja seguir Paul Klee.

É interessante notarmos que esse interesse de Klee vai muito além do campo puramente pictórico, ele entra naturalmente em um campo filosófico, não há mais

apenas uma preocupação com uma maneira primorosa de se representar algo, essa mudança de concepção do objeto é exposta na seguinte citação:

Seu desenvolvimento na contemplação e observação da natureza, ao pôr em evidência sua concepção do universo, torna-o capaz de criar configurações livres de formas abstratas, que ultrapassam a intenção esquemática e alcançam uma nova naturalidade: a naturalidade da obra. (KLEE, 2019, p. 230).

Há um interesse em trazer em suas obras artísticas concepções que se demonstrem universais, princípios universais que se fazem presente na natureza e que não são captáveis facilmente como na mera contemplação de uma paisagem, mas o próprio Klee deixa claro que esse tipo de estudo e esse processo requer do artista um intenso trabalho mental, se afastando do viés reconfortante de pura representação presente no campo artístico.

Constata-se que não é um processo fácil de elaboração esse tipo de produção, na realidade é um desenvolvimento que se dá após uma constante atividade reflexiva, distanciando-se do olhar e pintar, é uma nova maneira de perceber um objeto. A partir do que foi apresentado podemos perceber que o artista vai na direção contrária ao que os movimentos artísticos apresentavam até então, como, por exemplo, o *naturalismo*, o *realismo*. Que buscavam precisamente expressar na arte de forma primorosa o que se apresentava na natureza, a pintura realista, por exemplo, é ligada totalmente ao campo ótico, impossibilitando essa nova perspectiva apresentada por Paul Klee com um interesse sobre o oculto na natureza. "Em sua recusa de fazer coincidir o visível com o ótico, Klee propõe como questão artística o acesso à parte da realidade através da qual participamos do mistério das coisas"(ROCHA, 2005).

Se instaura uma nova perspectiva de modo de construir, ao mesmo tempo que se tinham elementos que foram sendo deixados de lado em prol de uma arte e literatura mais chocante e exploradora, do qual podemos destacar o movimento modernista. Paul Klee em sua nova maneira de enxergar o método de produção pictórico não irá mais partir da forma para criar como se dá no método tradicional, mas irá criar para chegar até a forma, recorrendo a um processo reverso.

Pretende estruturar o interior para chegar até o exterior, não só de maneira teórica, esse processo mental se dá de forma teórica, mas o objetivo é que isso se apresenta na prática, apresentando também isso nas suas próprias obras, cada obra

é digna de uma análise detalhada, crie se utiliza de diversas técnicas para chegar até esse resultado.

Podemos entender melhor essa ideia se pegarmos o estudo de anatomia de Klee, durante uma elaboração pictórica que tem como processo final a construção de uma forma humana, o artista será muito mais feliz, se compreender todo o processo ósseo, muscular, até mesmo das artérias, daquela parte que ele irá representar. O que o autor apresenta é que essa análise pode ocorrer de modo mental através de uma poderosa sensibilidade desenvolvida, não só necessariamente anatômico como foi o exemplo citado, é um desvendamento do que se encontra oculto para a percepção de primeiro momento.

Essa nova metodologia terá muito mais importância para Klee, principalmente quando sua arte for identificada como arte moderna. Mas antes de entrar definitivamente na arte moderna, Paul Klee experimenta os mais diversos tipos de processos criativos, frequentando diversas escolas artísticas, lembrando que o próprio começa sua jornada apenas interessado no desenho tradicional.

Posteriormente iremos nos deparar com os frutos que deram os estudo sobre anatomia de Klee, ele buscou justamente ter essa compreensão mais interna da forma, questão que sua obra era carente a partir de análise de críticos no início de sua carreira, com importantes obras que criticam de uma maneira ácida e irônica seu contexto social, podemos citar como exemplo a obra: água-forte

Figura 1 – Pintura “água-forte”



Fonte: Klee (2019, p. 18)

Essa obra de Paul Klee faz parte de uma coleção de 11 peças carregando o título de “água-forte”, do qual são também um conjunto de estudos de aprimoramento em seus traços de anatomia. Como podemos perceber, a obra em si ainda está no modo de desenho tradicional, trabalhando ainda apenas elementos convencionais como luz, sombra, e uma boa noção já de anatomia.

Nessa obra já podemos perceber uma ideia que será bastante presente não só como princípio artístico na obra de Klee , mas como um princípio filosófico que o guiará, que será a questão da *Dualidade*, tratada mais adiante, no desenho essa dualidade é presente através das feições distintas entre a face e a máscara, e o conceito em geral da obra traz uma visão de Klee diante da sociedade burguesa que o cercava, cheia de modos de conduta falsos diante de ocasiões sociais, podemos fazer um paralelo também com as máscaras teatrais gregas mostrando seu antagonismo através das feições, e também já demonstrando um apreço que Klee tinha pelo teatro posteriormente sendo foco quando for trabalhar na produção de bonecos.

É interessante percebermos a variedade de caminhos que Paul Klee experimenta, fazendo com que pensamos o que de fato caracteriza um artista que consegue transcender seu tempo como uma referência para muitos outros, Paul klee demonstra estar sempre aberto para sua criatividade experimentando e mudando quando necessário sua forma de fazer arte.

Nesse primeiro momento observamos o artista quando ainda estava voltado para um campo no desenho e preocupado até mesmo com anatomia conforme apresentado na figura 1, questão essa que será abandonada em certa medida quando sua arte for partir para um caminho cada vez mais sistemático e abstrato, e requer ainda mais uma análise calma e reflexiva.

No capítulo intitulado “Sobre a arte moderna” da obra *Sobre a arte moderna e outros ensaios*, o Paul Klee nos ajuda a entender como se dá parte do seu processo de criação e o que pondera no momento em que está criando, além também de realçar as características que podem compor uma arte considerada moderna. E o artista inicia esse capítulo estabelecendo um ponto em comum entre o artista e quem aprecia a obra, esse ponto em comum que irá permitir essa comunicação:

Tem de haver alguma região comum aos espectadores e aos artistas , na qual é possível uma aproximação mútua , e onde o artista não precisa aparecer

como algo a parte, mas sim como uma criatura que, como os senhores, foi lançada sem aviso num mundo multiforme e, como os senhores, tem que achar seu caminho por bem ou por mal. (KLEE, 2001, p. 52)

Aqui podemos compreender a noção que Paul Klee tem do artista quanto de quem irá apreciar a obra de arte, e entende que comunicar uma obra de arte é um processo complexo, fazer com que outro indivíduo contemple requer do artista, habilidades de percepção, e uma modificação do que foi percebido para melhor se encaixar em uma sensibilidade mais ampla na hora de representar isso na pintura e que abrace a todos.

Essa “região comum”, da qual trata o artista é o que irá servir como espinha dorsal de sua arte, pois está sempre considerando comunicar a arte, ser uma ponte mediadora entre dois mundos, trazer à tona, parafraseando Schopenhauer, “o que a natureza se esforça em mostrar”.

Não podemos não nos remeter aqui com o que expôs Schopenhauer quando o mesmo irá tratar do ofício do gênio na sociedade, entendendo aqui a capacidade de comunicar ao sujeito da massa o que apreendeu da natureza e colocou na pintura, klee entende muito bem essa relação e o quanto difícil é, mas que o artista é impelido por seu próprio ímpeto de criar e para isso não há escapatória.

Klee em suas produções deixa claro essa subjetividade inerente ao homem como um grande desafio para o artista e isto que poderemos analisar em sua obra, uma preocupação em usar diferentes maneiras, tanto em material quanto como método de produzir, saindo do desenho rabiscado e chegando até a pintura mais abstrata e produção de bonecos teatrais.

O que irá possibilitar que Paul Klee finalmente entre no mundo das artes mais abstratas será sua mudança para a então movimentada Itália, com uma cena artística efervescente, ali é possibilitado um desenvolvimento artístico, deixando de lado cada vez mais a representação do naturalismo e realismo, essa mudança irá possibilitar também uma aproximação com o artista Kandinsky, que irá influenciar as produções de Klee. Com isso surgiu essa necessidade de mudança de um método de produzir arte, ele pretende então partir por um caminho de uma arte cada vez mais simbólica, conforme expressa na seguinte passagem:

Redução! Queremos dizer mais do que a natureza, mas cometemos o erro inadmissível de dizer com mais meios do que ela, em vez de menos.[...]

A natureza pode se permitir o desperdício em tudo, o artista precisa ser econômico até o fim. A natureza é eloquente até na desordem, o artista tem de se calar sistematicamente. [...] . (KLEE, 2019, p. 24).

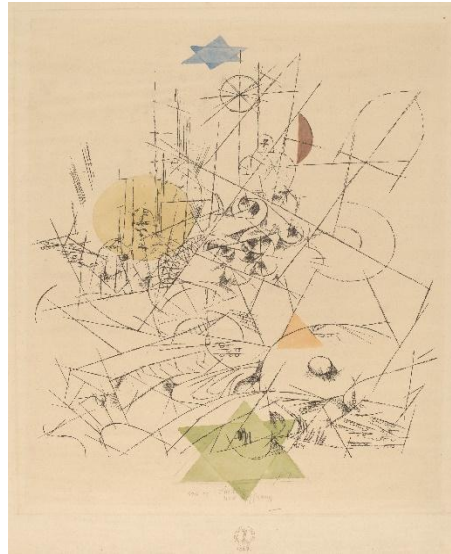
Ou seja, essa economia artística vai caracterizar cada vez mais as obras de Paul Klee a um campo simbólico, o que significava também para ele uma tradução mais simples do que se percebeu na natureza, desmistificando uma falsa ideia de difícil compreensão das obras, a intenção era justamente a oposta, era deixar esse entendimento o mais simples possíveis, a níveis simbólicos. e passa a entender as outras manifestações artísticas como um certo exagero, obras mirabolantes que buscavam dizer muito, mas que pouco diziam.

3.10 PENSAMENTO COMO FORÇA CRIATIVA

O que o artista passou a buscar em suas obras era então a simplificação, mas não confundir essa simplificação com algo menos trabalhoso, pelo contrário, era um processo complexo para se alcançar. A questão da busca pela simplificação vai aparecer em um momento crucial da vida de Klee, que se dá justamente no advento da Primeira Guerra Mundial, do qual serviu ao exército alemão como artista de manutenção dos maquinários de guerra, pintando aviões, etc.

Klee viu toda a situação da guerra com uma profunda mágoa, afetando-o diretamente e após isso foi um tema que passou a ser recorrente em suas produções, e para tratar desse tema foi preferível usar uma linguagem mais abstrata, mais simplificada como exposto acima, afastando os olhares autoritários dos governos. Uma das obras satíricas famosas desse período se chama *Der Deutsche im Geräuf* ou *O Alemão na briga*, também a pintura *ou Destruição e esperança*.

Figura 2 - Zerstörung und Hoffnung



Fonte: Klee (2019, p. 27)

Podemos perceber na obra símbolos que remetem a elementos da primeira guerra, com uma simbologia disfarçada, no primeiro impacto com a pintura nos é apresentado a questão do caos presente, com diversos rabiscos, mas em uma segunda camada vemos símbolos como a foice, triângulos, estrelas e um símbolo que irá roubar a atenção na obra é o círculo amarelo que pode nos remeter ao sol, e o sol tem um forte significado de esperança, de renascimento, do novo no horizonte, visto o nascer de um novo dia, nessa obra ele representa sua impressão particular da guerra, entre caos, destruição e um futuro com esperança, e soube apresentar isso de maneira primorosa.

Sabemos que o que caracteriza as obras de Klee são suas fugas ao que se chamava escolas artísticas de arte que dominavam a Europa no século XIX, mas um caminho do qual klee percorreu para chegar até essa perspectiva criativa requer também um processo e uma sensibilidade criativa distinta.

Foi necessário não só um desligamento das escolas artísticas de até então também uma nova maneira de perceber o mundo. Que foi do qual percebemos quando ele opta por fazer uma arte mais simbólica, ou como em suas palavras, uma “redução”, uma busca pela simplicidade, deve ser citado que para Klee chegar até esse processo foi de importância a influência de sua estadia enquanto professor na escola de arte Bauhaus.

Durante esses anos enquanto professor foram reunidos documentos das aulas que serviram posteriormente para a elaboração da obra o *Beiträge zur bildnerischen Formlehre* [Contribuições à teoria da forma pictórica]. Obra essa que servirá como

base para estudo de toda sua base teórica durante suas produções artísticas, e uma preocupação que se mostra constante durante esse processo para Klee é a questão das formas.

O artista sempre salientava que o objetivo da arte pictórica é a própria criação da forma, ou seja, ele dá uma maior importância para o processo em si, estipula qual devem ser esses caminhos que a criação da forma deve seguir, em uma obra de arte, a forma final é o que menos importa para Klee. E essa questão da criação da forma devemos retomar o que foi apresentado anteriormente quando colocado a questão de observar a natureza, observar os princípios das formas que se apresentam na natureza, não de uma maneira imediata, do que se apresenta de primeiro em nossa sensibilidade, essa observação que se dá de maneira mais contemplativa irá auxiliar nesse processo de criação da forma, observar o movimento na composição.

É justamente isso que irá caracterizar o processo criativo de Klee, é esse tipo de observação que recorria a um afastamento das ciências exatas na composição da arte, ou seja, em linhas gerais não havia em um primeiro momento a preocupação em se utilizar de cálculos geométricos para compor a forma, mas isso também não quer dizer que seria entendido como um processo puramente intuitivo de se produzir arte, porque exigia do artista um processo de reflexão anterior para dar forma. Essa técnica de observação na natureza é um dos grandes legados deixados por Paul Klee.

Várias questões ao longo do tempo influenciaram a maneira de Klee produzir, e uma delas foi o advento do regime nazista, apesar de ser nascido na Suíça, mas ter crescido na Alemanha, a arte de Klee não passava despercebida pelo olhar do regime, não só a de Klee, mas toda arte que se pretendia romper com os ideais totalitários do regime, o artista teve sua arte exposta como “arte degenerada”. Abaixo uma das artes feitas por Klee durante esse período

Figura 3 - Stammtischler



Fonte: Klee (2019, p. 40)

Em sua arte poderemos encontrar sátiras feitas com o próprio Hitler, como na obra o *Stammtischler* [Companheiro de bebida], da qual Klee retrata Hitler como um político vazio e promíscuo, de baixa categoria. Um indivíduo que está alheio à razão, o próprio modo de Klee pintar a obra se demonstra de modo mais rústico, com traços selvagens, quase tribais, como que pintado por um animal raivoso, nessa obra podemos ter dimensão da concepção de criação, o quanto o sentimental interfere no seu modo de produzir, e o quanto a própria técnica usava faz parte da linguagem da pintura, não só seu produto final. É claro que Klee logo em seguida tenta se mudar da Alemanha o mais breve possível, e também iniciar uma luta que durou toda a sua vida de finalmente conseguir cidadania suíça.

Entre altos e baixos em sua vida Klee, experienciou sua arte mudar diversas vezes, seja por conta das circunstâncias sociais, seja pelo ímpeto de artista de sempre experimentar algo novo, sendo claro em seu processo criativo que ele nunca ficou estagnado, Quando Klee busca mudar sua linguagem pictórica para algo de composição mais rápido, isso vai possibilitar também uma maior produção de obras, havendo uma quantidade grande de obras de klee que foram produzidas durante seus anos finais de vida.

Nessas últimas obras de Klee ele abre completamente espaço para sua criatividade reinar, deixa de lado na medida do possível uma certa formalidade que o artista herdou até mesmo dos seus tempos de escola de arte de Bauhaus, então nesse momento justamente a criatividade irá falar mais alto e os temas ficaram cada vez mais intensos, como a imagem da morte cada vez mais perto.

Os materiais usados na elaboração dessa arte mais rápida, será o uso de tintas de cola, que permitem um melhor manuseio e também traz a ideia que Klee buscava expressar de infantilidade em suas últimas obras, essa busca pela infantilidade é justamente destacar o ideal de modo de produzir de uma criança, a criatividade de uma criança possibilita essa abertura adequada que a arte pictórica precisa.

Mas apesar dessa busca de método de produzir como uma criança, o artista deixava claro que esse método de produzir não poderia ser comparado com um desenho feito exatamente por uma criança, ele estava completamente ciente da técnica que estava empregando, e o resultado que buscava, havia um sentido por trás das produções, o que por muitas vezes não poderia ser encontrado em um desenho feito por uma criança necessariamente.

Essa certa simplicidade na forma irá aproximar Klee também de um determinado primitivismo, na elaboração de obras que nos remetem às artes rupestres nas cavernas, mas não só isso, como um intenso interesse pela arte, mais Tribalista, como podemos identificar na pintura abaixo intitulada *Insula dulcamara*, onde é possível perceber pegando elementos de arte indígena, arte africana e até mesmo o estudo de hieróglifos egípcios, uma vasta gama de referências que dá um toque de originalidade em seu trabalho.

Figura 4 - Insula dulcamara



Fonte: Klee (2019, p. 43)

Insula dulcamara é considerada uma das maiores pinturas de Paul Klee, a tradução do nome vem do latim *insula* (ilha) e *Dulcamara*, que pode derivar duas palavras, *dulcis* (doce, amável) e *amarus* (amargo). Retomando aquela característica da Dualidade presente nas obras de Klee. A obra nos remete a terras verdejantes,

que são interrompidas por grossos e rústicos traços de carvão, no centro da obra se apresenta uma figura de rosto pálido e sem expressão, dentre as vastas interpretações que a pintura tem uma bem corriqueira está de classificar a morte como no centro de toda a vida ou (o quadro). Vemos essa temática também na análise do crítico de arte Chris Pike no artigo intitulado *Signing off: Paul Klee 's Insula dulcamara*.

[...] As marcas pretas da pintura se configuram como abstração gráfica do nome 'Paul Klee'; a configuração como um todo constituindo a assinatura do artista. Essa assinatura é tomada como a base prototípica para uma reconstrução plausível do "modo de formar" da composição por meio do desdobramento da meditação temática de Klee sobre a vida, a morte e a identidade.(PIKE, 2014, tradução nossa)

O próprio título da obra se traduzimos de uma maneira literal “ilha doce e amarga” irá nos remeter até essa ideia, outro ponto quando analisamos essa obra que deve ser levado em consideração é que a morte é a principal motivadora que nos faz focar nas angústias da vida, de uma vida não vivida, presente na obra, nos dois cantos superiores existem símbolos que nos remetem a pólos distintos, positivos e negativos cabe ao indivíduo saber administrar esse equilíbrio presente na ilha doce e amarga.

Mas qual o interesse de Paul Klee por esse tipo de arte? De novo iremos cair na simbologia que já foi citado, quanto mais simplificado for mais será possível a comunicação, não só com europeus, mas com povos de todo o mundo, por isso essa necessidade em se pegar referências em toda parte. Paul klee foi um artista que abriu uma possibilidade infinitas no que se diz respeito a arte pictórica, ultrapassando movimentos vanguardistas, saindo a todo momento de sua zona de conforto, demonstrando o que a arte tem que ser verdadeiramente, opositora, questionadora e que abala os pilares estabelecidos.

Klee estabeleceu um novo modo para que a arte sobreviva em uma sociedade submersa pela propaganda, uma arte questionadora, conseguindo cumprir seu papel de artista, de transpor através de sua sensibilidade o que se demonstrava oculto, e instigando artistas no mundo todo de se produzir obras verdadeiramente autênticas.

Esse desafio se apresenta cada vez mais latente, onde temos cada vez mais o papel do artista, seja em qual âmbito for, suprimido e extremamente saturado, Paul Klee conseguiu ultrapassar essas barreiras, mas que na contemporaneidade se apresentam muito mais complexas e que envolve principalmente um modelo econômico.

4 O DESAFIO PARA O GÊNIO ARTÍSTICO CONTEMPORÂNEO

Percebemos que o papel do artista é muito mais complexo dentro de uma sociedade do que se pode supor, visto algo em comum entre os dois autores vistos, que o artista plástico deve estar constantemente transitando entre dois mundos, de modo que, sua sensibilidade que irá tornar possível essa inspiração para a arte e o mundo real que é para onde de fato será o produto final de sua arte.

Assim fica evidente que ao contrário do que se imagina, do arquétipo de artista como uma pessoa alheia ao mundo, repleta de devaneios, o artista é estritamente influenciado pela sociedade em que está inserido. assim como vimos Schopenhauer estabelecer uma ideal de artista que consegue comunicar sua arte para seu contexto, apresentando a figura do gênio artístico, e porque a importância de comunicar essa arte? Porque assim temos o acesso a ideia, Arthur Schopenhauer vê nessa comunicação uma maneira facilitadora de comunicar a ideia, como vemos na passagem a seguir:

A obra de arte é somente um meio de facilitar este conhecimento em que consiste aquele prazer. Se percebermos com mais facilidade a ideia na obra de arte, do que imediatamente na natureza e na realidade, isto é, devido a que o artista que conheceu apenas a ideia e não mais a realidade também reproduz em sua obra unicamente a ideia, isolando a da realidade, suprimindo todas as contingências perturbadoras. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 46).

A grande dificuldade da qual se apresentou no capítulo e se apresenta como ponto de interrogação nos dois autores se dá justamente no que pode impossibilitar essa comunicação através da arte, vimos que segundo o filósofo Arthur Schopenhauer essa dificuldade poderia acontecer se não houvesse por parte do artista uma real compreensão do que seria o papel do gênio, que como já observamos, é impossibilitar o acesso dos indivíduos na arte.

E vivemos nessa realidade, no Brasil as periferias têm uma maior dificuldade em ter contato com obras que não sejam fruto de sua própria comunidade, é de entendimento que de acordo com o Artigo 215 da Constituição Federal, o Estado deve garantir o acesso à cultura nacional. Essa impossibilidade já está posta, e quando o artista não entende qual seu papel com a arte essa dificuldade se amplia ainda mais.

Sendo assim analisaremos a seguir analisar em que pontos essa noção de gênio em Schopenhauer poderia chegar como uma redenção na contemporaneidade e também a sua impossibilidade, jogando um novo olhar da contemporaneidade sobre o tema trabalhado por Schopenhauer, visto as mudanças sociais e artísticas que aconteceram ao longo da história, cabe se pensar onde entraria o papel do gênio nessa sociedade, ao mesmo modo que poderemos captar em Paul Klee um artista já contemporâneo que se destaca dos demais justamente pelo papel de ruptura que atua com as correntes artísticas estabelecendo assim pontos em comum entre os dois autores.

Vimos no primeiro capítulo quando tratamos do gênio artístico que ele conversa com uma dualidade em sua percepção com a natureza, significando que ele capta algo na sua sensibilidade que está presente na natureza e expressa essas ideias presentes na natureza através de uma obra artística.

Historicamente vimos uma modificação nos modos de percepção artísticas dos artistas plásticos, antes se tínhamos a ideia de reprodução, no sentido de representar algo que se apresenta diante de nós como a natureza, ou até mesmo modificá-la em alguns aspectos ditando um aperfeiçoamento, agora os métodos de se produzir arte plástica estão para além desse método, sendo caracterizados por uma reprodução, mas de forma industrializada, em série.

Seria anacronismo tentar encaixar um conceito tão fechado como o de gênio do Schopenhauer na contemporaneidade, dito isso a nossa proposta será nesse momento dar um olhar contemporâneo pro conceito, destacando no método de produção de arte contemporâneo essa relação com a finalidade, buscada por Schopenhauer quando pensou nesse indivíduo dotado de gênio, dotado dessa capacidade de ser um comunicador da obra de arte, mas não nos esqueçamos que esse conceito surge como uma finalidade prática, ser um possibilitador de um breve desvinculação da vontade incessante presente no homem.

Podemos começar a traçar essa relação fazendo o seguinte questionamento, atualmente conseguimos ainda identificar o conceito de Vontade do qual tratou Schopenhauer? Como incessante e descontrolada? A resposta é sim. E agora com um fator novo do qual Schopenhauer não presenciou que foram os estímulos propagandistas como ferramenta de escravidão dos desejos do homem na era na TV e Internet.

Esses estímulos modernos influenciaram não só o método de produzir arte como um afastamento da contemplação como trabalharemos a seguir, mas como um afastamento da arte em si pura e simples, modificando o sentido da arte para a obtenção de um produto, o que irá exigir por parte dos próprios artistas plásticos essa modificação do método de produzir para que a arte não perca seu papel para as mídias sociais e restabeleça seu caráter contestador e na perspectiva de Schopenhauer seu papel de redentora dos desejos.

Se partimos da ideia que o conceito de vontade se faz ainda presente, colocando o homem em uma situação de constante sofrimento, resta analisarmos se a solução que propôs Schopenhauer através da arte de modo geral, mas mais especificamente da arte plástica no nosso trabalho, se ela continua com essa força exposta pelo filósofo durante o século XIX.

Para fazermos essa análise devemos antes dar ênfase para qual é o principal problema provocado pela vontade e por que a arte surge como uma solução, devemos lembrar que durante a exposição sobre as características da vontade, vimos que um de seus traços é que por ela ser um conceito metafísico que corresponde a todo o universo, ela se manifesta assim em todos os fenômenos naturais e o homem não fica de fora.

Recordamos que tal objetivação da vontade possuía graus numerosos, porém determinados, em que, com clareza e perfeição gradualmente crescente, a vontade surgia na representação, i. e., se apresentava como objeto[...] as formas e propriedades invariáveis originárias de todos os corpos naturais...](SCHOPENHAUER, 1999, p.21).

De que forma podemos entender essa manifestação? Vimos que ela se manifesta também por graus, e que o homem estaria no topo de grau de manifestação da vontade, mas ao contrário dos animais que agem de maneira instintiva o homem tem um elemento a mais que é a razão, que em Schopenhauer não servirá como uma ordenadora da vontade e dos desejos, pelo contrário, a grande reviravolta de Schopenhauer é colocar a própria razão como uma ferramenta utilizada pela própria vontade, colocar a razão em segundo plano, rompendo com a corrente filosófica idealista.

Nesse sentido, entendemos o homem definido pelo filósofo como totalmente escravizado pela vontade e nem mesmo a razão a influenciaria. Qual seria então sua

válvula de escape se não uma saída mesmo que momentânea da realidade? O filósofo percebe que através da contemplação artística era possível chegar nessa espécie de deslocamento da realidade, permitindo assim também um deslocamento da racionalidade e da vontade.

Esse momento de contemplação artística foi dissecado no primeiro capítulo do trabalho, doravante veremos esse conceito, na prática, tendo como análise um grande nome da arte plástica alemã que foi Paul Klee, através de sua arte paul klee traz um fenômeno totalmente ligado ao nosso tópico de pesquisa, criando um tipo de arte que atinge nossa sensibilidade diretamente, mesmo que apenas para tentar entender o que quer dizer aquela obra.

Destacamos essas possíveis conexões pontuando em dois sentidos as obras de Paul Klee, em um primeiro momento iremos estabelecer essa relação com o próprio método de produção de obra de arte inaugurado pelo pintor, dando ênfase para seu caráter originário e que se enraíza fortemente na criatividade, incorporando novos elementos, ultrapassando propriamente a tela e o uso de tintas, criatividade também na própria forma de tratar os assuntos, usando fortemente uma linguagem simbólica, afastando-se da pura representação.

Em um segundo momento a análise se dará na própria temática explorada por Paul Klee, isso significa que o conceito de gênio poderá ser captado em Paul Klee sobre panoramas distintos, ora considerando seu método de produção que se desloca do que já é estabelecido e ora analisando a temática que em Paul Klee conversa diretamente com seu contexto histórico.

Estabelecer essa relação de um conceito filosófico empiricamente é uma tarefa de extrema importância para analisarmos a praticidade desse conceito, Arthur Schopenhauer sempre se opôs ao afastamento do campo filosófico da realidade, que já era apresentado pelo idealismo hegeliano, a sua teoria estética se relaciona diretamente com a realidade, nos possibilitando assim que essa relação do conceito de sujeito de gênio seja possibilitada de fato.

E servirá como nosso guia de análise para essa relação, sempre levar com consideração, qual era o objetivo de Schopenhauer com o papel do gênio e a arte plástica, sendo a libertação mesmo que momentânea de um querer incessante. Mas essa relação deve ser feita de forma pontuada e sobre diferentes perspectivas, buscando assim dar uma maior base teórica.

Nossa análise se dará em dois momentos: primeiro usando a força criativa de Paul Klee como ferramenta de libertação da vontade, o que isso significa? Que há um rompimento por parte de Klee da forma de conceber a obra de arte, o que irá permitir um destacamento do artista e assim possibilitar esse artista se conectar com maior facilidade ao sujeito comum que antes estava afastado.

Assim como todo autêntico artista plástico, Paul Klee caminha por vários estilos e sua produção caminha desde estudo anatômico até trabalho com aquarelas, aqui já podemos estabelecer uma relação entre Paul Klee e Arthur Schopenhauer, Schopenhauer é bem claro quanto aos elementos que devem ser apresentados na tela para ser identificado como verdadeiramente particular. E o autor observa isso em uma necessidade em se recorrer ao naturalismo na pintura, como veremos na seguinte passagem:

O efeito da pintura paisagística propriamente, em conjunto, também ainda é deste tipo, unicamente porque as ideias apresentadas, como graus mais elevados da objetividade da vontade já são mais amplas e importantes, e o lado objetivo do prazer estético se ressalta mais[...] (SCHOPENHAUER, 1999, p.68).

Entende-se que essa ênfase do Schopenhauer na pintura naturalista está na facilidade de comunicação da tela com quem está contemplando, não possibilita um estranhamento de imediato com a obra, a ideia que se objetiva na natureza é passada no primeiro impacto.

Paul Klee passou também pela escola naturalista, logo no início de sua carreira nas artes plásticas se interessava pelo caminho de representação, fazia estudos diários de cópias das paisagens presentes em calendários, além também do interesse pelos estudos anatômicos, mas isso com o tempo foi deixado de lado pelo artista.

Um ponto de conflito entre Schopenhauer e Paul Klee seria na produção da obra abstrata da qual Schopenhauer já demonstrava ter um receio de como essa arte chegaria rapidamente na sensibilidade do contemplador, mas logicamente que essa discordância se deve a um fator de desenvolvimento histórico da arte.

Há motivos para Paul Klee abandonar cada vez mais um estilo de arte representativo, em busca de uma arte mais abstrata, mas isso não deve ser entendido como um abandono do objeto de representação que é a natureza em si, mas um modo diferente de representação, que como já foi colocado, o interesse passa a ser a

representação do que não está visível na natureza, uma representação que começa em seu interior, estrutural.

Temos aqui então um afastamento do modo de produzir arte do qual Arthur Schopenhauer considerava ideal para passar a ideia, mas devemos fazer alguns questionamentos quanto a essa possível impossibilidade apresentada em Schopenhauer em um tipo de arte que não se revele em uma primeira contemplação.

A questão é que Arthur Schopenhauer não imaginou a reviravolta artística que iria ocorrer desde a revolução francesa, a arte que então para ele, filho de burgueses, que sempre foi possibilitado o acesso em seu tempo de lazer, era objeto quase sagrado de contemplação, com o tempo vai perdendo cada vez mais espaços naturalmente, seria necessário então o gênio artístico de Schopenhauer se reinventar, se antes já existia uma dificuldade definida por classe, cabe se pensar que maneira, essa obra pode novamente se conectar aqueles sujeitos que estão agora sem nem mesmo tempo para pensar em arte, surge então artistas precursores do modernismo como Paul Klee trazendo uma forte inovação nesse campo.

4.1 A FORÇA CRIATIVA COMO FERRAMENTA DE LIBERTAÇÃO

A criatividade assume uma relevância substancial na vida de quem se envolve com o meio pictórico, mas ela deve necessariamente aparecer como uma ferramenta emancipadora, pois seu uso está vinculado a um limite deve ser ultrapassado pelo sujeito que a desenvolve, possibilitando o rompimento com dogmas seja eles até mesmo estético.

Vimos no segundo capítulo durante as análises das produções de Paul Klee que a criatividade pode ser classificada como uma das principais características em seu método de produção. Em um pequeno texto intitulado *O pensamento criativo*, 1920. Temos a possibilidade de analisar como isso se desenvolve.

O texto começa com a seguinte frase: "A arte não reproduz o visível, ela torna visível" 1920. É importante nos debruçarmos nessa frase, pois ela irá abarcar toda a obra do pintor. Existe duas maneiras de interpretar essa frase, primeiro é quando analisada de forma teórica, Paul Klee nos demonstra que sua técnica empregada não era uma reprodução fiel do objeto que estava sendo reproduzido, procurava priorizar o emprego de elementos formais dentro da obra. Sendo elas linhas e formas, ou seja,

era como estruturava um tipo de arte mais abstrata, menos representativa como era a paisagística, ou estudos anatômicos em seu início de carreira. No documentário intitulado *Paul Klee – Diário de um artista*, O pintor discorre sobre essa questão com a seguinte frase “Reflexões sobre a arte do retrato: muitos irão ignorar a verdade do meu espelho, no entanto, a minha intenção não é refletir a superfície assim como uma chapa fotográfica, mas penetrar no interior” (FORZA, 2020).

Assim, o pintor sempre esteve preocupado com a construção da obra, partindo de sua matriz, de sua estrutura. Estabelecendo assim uma espécie de crítica àquela arte puramente descritiva da realidade, mas que se demonstrava vazia, por não construir sua estrutura interior previamente, ou simplesmente, por não dizer absolutamente nada, não afetar a sensibilidade, a maestria desse modelo pictórico se daria puramente no emprego adequado da técnica.

E uma segunda maneira de interpretação da frase se daria de forma mais filosófica, e já aqui podemos fazer um paralelo com Arthur Schopenhauer, quando o filósofo apresenta o gênio artístico como um indivíduo que tem o dever de capturar na ideia o que se tenta fazer presente na natureza e expor isso na obra de arte. Para ficar mais claro, a vontade já é em Schopenhauer algo que se faz presente de modo oculto na natureza, oculto e defeituoso, visto que a vontade atinge seu aprimoramento quando se objetificada no homem, em que pode usar a ferramenta da razão para se satisfazer.

Quando o artista plástico recorrer por querer fazer esse caminho pela abstração, por uma arte que trabalha com algo que não está visível, determina o grau de sensibilidade desse artista, é um artista que em termos Schopenhauerianos estaria conectado diretamente na ideia, abrindo mão até mesmo de uma simples melhora do que se objetiva a natureza como coloca Schopenhauer.

Podemos compreender essa frase postada por Klee e que norteia toda sua produção de uma perspectiva schopenhaueriana da arte, captar o que se faz oculto na natureza, sendo papel do gênio revelar isso através da obra de arte. Possibilitando assim uma desvinculação do sofrimento, isso nos leva a outra questão que é o papel da força criativa.

A ideia presente em Paul Klee de força criativa irá partir de encontro com uma ideia já apresentada em Schopenhauer que vimos ao longo do segundo capítulo que é o abandono da racionalidade, que enquanto Klee se apresenta apenas como modo

de conceber a obra de arte, em Schopenhauer será ainda mais radical. Analisemos a seguinte passagem presente na obra *Confissão criadora*, 1912:

A obra pictórica surgiu através do movimento, é ela própria um movimento fixado e é percebida por movimentos[...] as coisas assumem um sentido mais amplo e variado, que parece muitas vezes contradizer a experiência racional de ontem[...] (KLEE, 2019 p. 222)

Ele está neste momento dando ênfase ao caráter de desprendimento da realidade que busca expor em suas obras, fazendo com que a contemplação do espectador seja também parte da construção da mesma, por isso a necessidade de deixar a racionalidade em segundo plano, uma arte que se caracteriza por se desenvolver pelo intuir.

Quando o artista fala que a obra é percebida por movimentos, é importante analisar essa frase que pode ter várias nuances, primeiro já se pode traçar uma crítica na própria produção da obra, uma obra que não permita a participação de quem vai receber ela como parte de sua construção já deixa de lado o principal objetivo da obra, conseguir se conectar a esses indivíduos, o papel do artista de gênio.

Em ambos os autores temos bem claro o papel que deve seguir a obra artística, de justamente desprendimento da realidade, e a criatividade irá desempenhar um papel importante, em Schopenhauer isso se apresenta principalmente quando irá tratar da contemplação estética, que deve ser feita como um abandono de uma individualidade, para que o querer seja cessado e assim também o sofrimento, analisaremos a seguir com mais afinco essa relação.

Como vimos, a raiz que conduz a filosofia de Schopenhauer, surge como uma negação ao império da razão na filosofia, o filósofo retira toda a força que a razão reúne a partir de filósofos que o antecederam, esse abandono da racionalidade e proximidade até mesmo com uma “irracionalidade” irá ser o que vai moldar o papel da vontade em sua filosofia.

A intenção de Arthur Schopenhauer de tirar essa racionalidade do campo pictórico principalmente, é para que necessariamente essa ferramenta de libertação não seja influenciada pela exterioridade que se dá através do ato reflexivo apresentada ao sujeito, na passagem a seguir o filósofo aborda essa relação do modo

de percepção do mundo movido pela racionalidade, dando ênfase ao papel intuitivo que o sujeito de gênio estabelece em sua relação com o mundo.

Também raramente se encontra grande genialidade aliada ao predomínio de racionalidade; pelo contrário, indivíduos geniais são dominados frequentemente por afecções violentas e paixões irracionais. O motivo disto contudo não é a fraqueza da razão, mas em parte a energia descomunal do fenômeno da vontade em conjunto, que é o indivíduo genial[...] (SCHOPENHAUER, 1999, p.41)

Fica claro aqui a relação da racionalidade com o indivíduo de gênio, vimos no tópico genialidade e loucura do capítulo II de porque o sujeito de gênio raramente se fazer envolto de racionalidade, sendo ela, principalmente a ser influenciada pela vontade, e que apenas esse sujeito que não recebe influência diretamente dessa racionalidade pode conversar com essa *dualidade* de mundos, os quais são a realidade e o mundo das ideias, objetivadas na natureza. Dando ênfase para a criatividade se tornar um instrumento de libertação na hora de criar, de que modo essa ideia pode ser comunicada, Klee explorou isso muito bem, de diferentes formas, na aquarela, no teatro, na brincadeira com cores.

A criatividade exerce um papel que está fora do campo racional, na perspectiva de Schopenhauer, seria no campo intuitivo, que se dá no gênio artístico de forma natural, iremos notar isso quando desenvolvemos a relação de sujeito e objeto na contemplação estética em Arthur Schopenhauer que o filósofo determina que a nossa relação com as obras artísticas, tanto na construção quanto na contemplação deverá partir do princípio de intuir, não deve ser um movimento racional, mas sim que parta da sensibilidade.

Ponto esse que também será dado ênfase por Paul Klee referente as suas obras artísticas, quando irá tratar sobre esse estudo das formas primárias na natureza, um dos passos estabelecido por Klee, é referente a utilização da intuição, a importância da sensibilidade nesse processo de elaboração é exposta no texto confissão criadora, em que Paul Klee esclarece os processos mentais até a última pincelada na tela.

Por fim, valendo-se da intuição, é facultado ao artista ir além da ideia interiorizada do objeto. Seguindo a tradição romântica e o discurso contemporâneo da época, Klee considerava a intuição como o caminho que o

artista deveria percorrer para avançar até o interior das coisas.(KLEE, 2019 p.215).

Temos como Paul Klee vai além da pura ideia de representação, ou seja, uma cópia da natureza, ponto esse já criticado por Schopenhauer na arte que visa puramente a primazia da técnica, ir além da ideia em Klee pode ser relacionada ao aperfeiçoamento da ideia exposto por Arthur Schopenhauer, expor na tela o que se apresenta de forma inacabada na natureza. E de qual forma se daria isso se não pela utilização do intuir do artista de gênio? Lembremos que o que caracteriza esse sujeito de gênio é justamente a sua capacidade enquanto artista de gênio de fazer esses sujeitos de massa se interessarem por arte.

Só seguindo por esse caminho a arte pode se tornar um objeto de libertação desse querer incessante provocado pela força da vontade, descontrolada e incessante, a seguir analisaremos de quais outros modos podemos encontrar características do gênio artístico presentes em Paul Klee.

Quando falamos dos dois autores nas concepções artísticas devemos compreender sempre esses objetos como coisas que ultrapassam a materialidade, no sentido que o fim desses objetos artísticos está a busca por uma comunicação da ideia, que se apresenta em ambos em uma dualidade de mundos. A seguir analisaremos o elemento da fantasia, tal cara ao sujeito de gênio, como elemento marcante na obra de Paul Klee.

O artista irá partir do mesmo princípio, temos em suas obras essa constante busca ao lúdico, até quando irá tratar de temas sensíveis como os que envolvem guerras. Citamos, por exemplo, a utilização de bonecos teatrais, sendo umas de suas últimas produções na arte plástica. Vimos a questão mais prática da elaboração da obra artística que se dá na criatividade do modo de passar a ideia, veremos no próximo tópico como se comporta a questão da fantasia em Paul Klee, agora um elemento mais temático, tão importante da constituição do gênio em Schopenhauer, como uma ferramenta que não está disponível para todos os sujeitos.

Vimos no segundo capítulo que Schopenhauer faz uma distinção entre o indivíduo que faz uso da fantasia e o fantasista. A fantasia como elemento necessário para dar forma ao que se escondia, sob o véu de Maya da percepção, da representatividade, distanciado do uso exagerado desse elemento e acabando se tornando um fantasista.

A fantasia é um elemento marcante na obra de Paul Klee, vimos nas obras analisadas toda uma construção de narrativa por trás de cada obra, Paul Klee quer contar uma história com sua arte, não está enclausurado na simples elaboração, e esse elemento nunca deve ser deixado de lado pelo gênio artístico, ainda mais em uma perspectiva contemporânea, em que essa força é desestimulada por diversos fatores, como a extrema tutela que temos das mídias sociais, a impossibilidade de se manter sozinho, essas questões que se apresentam na contemporaneidade e que não estavam presentes na elaboração do conceito por Schopenhauer.

Por isso devemos considerar essa aproximação entre os dois autores como possível, mas que em momentos se mostram tensas, devido ao caráter idealista do conceito elaborado por Schopenhauer, por conta de uma influência histórica filosófica, tradicional e que, apesar dele se desvincular no sentido da ênfase dada a razão, o papel do Genio sobre uma concepção histórica idealista permanece.

4.2 AS NOVAS FORMAS DE EXPRESSÃO DO GÊNIO ARTÍSTICO

Vimos ser possível o sujeito de gênio schopenhaueriano presente na arte plástica se manter como uma importante ferramenta de libertação da vontade, que condiciona o homem ao sofrimento, estimulado pela constante escravidão dos desejos não realizados e tédio. Mas é preciso ser enfatizado as diferentes abordagens e caracterizações dos dois autores trabalhados, temos um relevante diferença histórica e ideológica quanto a concepção da própria pintura. Deve ser traçado o caráter idealista pintado por Schopenhauer.

Mas podemos observar também que há uma dinâmica de transformação no próprio objeto artístico, destacando-se a falta de profundidade que adquire a obra de arte, no sentido de não proporcionar a sensibilidade dos indivíduos uma captura de sua percepção. A arte transforma-se em um objeto que por vezes quer assegurar um status quo, se distanciando completamente do sentido que a obra deve ter posto por Schopenhauer.

Se antes tínhamos com Schopenhauer uma dificuldade de entendimento do artista de gênio em se comportar como tal, agora na contemporaneidade temos a influência das próprias mídias sociais que acabam esvaziando esse papel da arte,

pois o consumo se torna cada vez mais descartável, em Schopenhauer não se considerava o objeto artístico algo para ser consumido, mas sim para ser presenciado, para ser construído com você como participante dessa construção.

Sendo assim, esses novos dilemas que se apresentam na atualidade colocam novos obstáculos no papel da arte de forma íntima com o indivíduo, mas ela ainda é um meio que pode fazer esse distanciamento de uma realidade, que na perspectiva de Schopenhauer se caracteriza pelo sofrimento e pelo tédio, mas cabe se pensar que maneira o artista de gênio se relaciona com esses novos obstáculos. Pois devemos considerar que ela não deve mais em uma perspectiva apenas libertar o homem da vontade, já que existem obstáculos culturais estabelecido, nesse sentido a arte tem que ser uma redentora do mundo, mas ao mesmo tempo ser ferramenta de contestação.

E vimos que em Paul Klee, é algo mais particular ainda, pois não só produz arte já em um momento de avanço tecnológico, e logo a arte também como um produto. Mas ele está inserido em um contexto de guerra, um cenário totalmente atípico que eleva ao grau máximo a ideia de Schopenhauer de uma sociedade em sofrimento, não está mais na balança apenas o jogo de desejo e tédio Schopenhaueriano.

O cenário é uma sociedade completamente violentada pelos males da guerra e que a arte assume um caráter fundamental nesse contexto, como vimos, a arte se torna um produto que passa a fazer parte da propaganda nazista e passa a funcionar como uma ferramenta ideológica, de alienação. Esse tipo de utilização do objeto artístico pode ser assinalado como uma desvirtuação da obra de arte na sociedade, tendo como fruto a técnica de reprodução em massa, o que possibilita alcançar aos outros com maior facilidade. Mas deve ser ressaltado que apesar de facilitar essa comunicação, terá como finalidade a pura manutenção desse estado autoritário.

Na perspectiva de Arthur Schopenhauer, a arte é antes de tudo, libertadora, temos neste momento um artista emergente que observa se fazer necessário o uso da arte como forma não só de libertação, mas também de contentamento, pois observa a situação atípica de uma sociedade em colapso, então podemos observar o lúdico presente na obra de Paul Klee, principalmente em obras que retratam memórias da infância, o próprio método de pintar buscando um traço impreciso tentando imitar essa infantilidade, mas se tem esse lado lúdico, de desvinculação da realidade, existe também o lado contestador e satirizam-te como vimos no desenho intitulado *Stammtischler* do qual retrata Hitler.

Observamos assim um rompimento com a tradição, criando e influenciando um surgimento de um novo movimento artístico por todo mundo, como foi o caso do modernismo. Mas para a criação desse movimento foi necessário mudar o método de produzir, desde a sua concepção, Paul Klee mais uma vez se alinha então com o pensamento de Schopenhauer, de compreender que a arte deve ir além da pura representação, ele deve criar no indivíduo que está apreciando uma desconexão do seu entorno, ele deve ser um convite para terras distantes.

É correto afirmar que podemos considerar que Paul Klee consegue dar esse novo fôlego para a perspectiva de Arthur Schopenhauer do papel da arte e do gênio, ou seja, de um momento de felicidade, mesmo que momentânea? A resposta é afirmativa, mas para isso foi necessário abandonar métodos tradicionais de pintura, vimos que o pintor viaja por várias correntes artísticas, como o cubismo, surrealismo, construtivismo e até o naturalismo, mas vai além dessas perspectivas criando uma arte inteiramente introspectiva e contestadora, mas que convidava o cidadão para a contemplação, talvez justamente por unificar todos esses elementos Paul Klee se torna um novo expoente da arte moderna, uma arte forjada para a superação do sofrimento humano.

Mas apesar desse abandono a arte puramente naturalista defendida por Arthur Schopenhauer, não podemos deixar de sublinhar, que Paul Klee entende qual de fato é a necessidade da arte, e a partir disso busca por uma autenticidade que irá elevar novamente seu papel.

E o que podemos caracterizar como novas formas de expressão do gênio artístico se não o caminho que percorre Paul Klee? Um pintor que continua com o ideal inicial de artista de gênio que é revelar algo que se apresenta de forma inacabada e imperfeita na natureza, uma revelação da ideia. Mas se distancia da perspectiva schopenhaueriana quando muda a metodologia de produzir essa obra, saindo do naturalismo, paisagística e entrando em um campo simbólico.

Sendo assim, o grande mérito em Paul Klee se faz presente em conseguir fazer a comunicação dessa ideia de maneira puramente simbólica, é um aperfeiçoamento, é um ir além da mera representação, não é apenas aperfeiçoar a ideia que se faz presente na natureza, é apresentar ela de uma vez, sem rodeios, e isso se torna revolucionário quando rompe uma tradição de esvaziamento da arte, da arte ser usada como uma ferramenta opressora do estado.

Existe por Parte de Klee um total abandono ao tradicionalismo no modo de produzir, passa a fazer protesto com os próprios trabalhos, e isso incomoda pois passa a ser considerada como uma ameaça que está, novamente, chegando ao publico e dando o recado.

Quando destacamos quais seriam essas novas formas de expressão do gênio artístico, entende-se ir além da tradicional tríade da arte: música, pintura, escultura. Da qual Schopenhauer estabelece e que seriam as principais formas de exploração artística do gênio, devemos pensar outras formas da arte ser um atrativo para a sensibilidade, mas esse atrativo tem que ser abraçado por pessoas que estão alheios a obra de arte, mas agora por um fator estritamente relacionado ao meio social, nesse sentido a pintura e a arte de modo em geral não deve ser pensada como endereçadas apenas ao público já consumidor de arte.

A grande questão é: de que maneira isso deve ser construído? Se a grande massa na contemporaneidade já observa o objeto artístico como algo elitizado ou que necessitaria de alguma erudição para ser compreendida, Isso deve ser ultrapassado, É o que tentou Paul Klee quando rompe com o tradicionalismo da arte alemã de até então, mas aquele momento histórico recebeu a arte transgressora que o momento pedia, cabe ao artista de gênio atual entender seu papel hoje na obra de arte e identificar o que está novamente impossibilitado de comunicar sua arte, os obstáculos são diversos, desde as mídias sociais como foi apontada, o desenvolvimento tecnológico que transforma a pintura num mero objeto decorativo.

Quando Arthur Schopenhauer dá ênfase ao sofrimento humano, não há uma distinção entre classes, momentos históricos, ou circunstâncias sociais, o objeto do sofrimento é a figura do homem, nesse sentido ainda se faz necessário o papel da filosofia na reflexão desse tema, o principal papel da pintura e do artista de gênio é a libertação da vontade momentaneamente, que ocasiona o sofrimento humano, mas agora com o desejo sendo ferramenta de escravidão mental através do assédio propagandista. O objeto de reflexão continua o mesmo, mas com diferentes obstáculos a serem superados.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho nos permitiu obter uma clara compreensão do caminho a ser percorrido no estudo do conceito de gênio em Arthur Schopenhauer, sob uma perspectiva mais atual. Durante o desenvolvimento, identificamos suas principais características e fizemos distinções importantes, evitando falsas interpretações da ideia de gênio. Também trabalhamos diretamente com as obras de Paul Klee, identificando importantes traços do sujeito de gênio nele.

Foi necessária uma mudança de perspectiva e adaptação para compreender de que forma o artista plástico pode utilizar sua obra como uma ferramenta de contestação, sem perder o lado fantasioso e lúdico. Isso exigiu um novo olhar sobre o próprio conceito de gênio. Observamos como a sociedade, de forma deliberada ou não, interfere nas obras geradas por ela, transformando-as em um reflexo que nem sempre é agradável. Quando não há um entendimento adequado de seu papel por parte do artista, o objeto artístico acaba sendo usado como um produto descartável, o que nos leva a compreender que o artista contribui para algo de extrema importância: a produção cultural de uma sociedade.

Durante essa nova perspectiva de encarar o gênio no artista plástico, levantamos questões atuais que serviram como guias para nossa investigação, como a relação entre o artista e o âmbito filosófico. Foi possível avaliar o quão relevante o conceito ainda é, permitindo-nos compreender questões importantes, como métodos e temas na construção da obra de arte, uma vez que o gênio é também uma forma de interpretar o mundo e a natureza.

Essa adaptação não negligenciou as particularidades do conceito trabalhado. As abordagens e distinções específicas foram enfatizadas, o que nos permite concluir que ainda é uma ideia dentro da estética que nos possibilita investigar profundamente o âmbito artístico e fazer a conexão lógica com o âmbito filosófico. O problema levantado por Schopenhauer na elaboração do conceito ainda permanece relevante: de que forma a arte pode ser um meio de obter felicidade, mesmo que momentânea? Essa questão continua a inspirar a pesquisa e a reflexão no campo da filosofia e das artes.

Observamos que apesar das distancias históricas presentes entre o filosófico e o artista plástico, a presente relação nos possibilita pensar numa nova perspectiva no

modo de se produzir arte. Como ter claro durante sua concepção qual a sua finalidade, que se expressa na própria relação do objeto pictórico com o indivíduo que contempla.

Vimos presente em Paul Klee uma nova maneira de se perceber o objeto artístico, modificando de forma revolucionária o campo da arte, e fomentando o surgimento da arte moderna. Vimos que o que possibilita o surgimento desse movimento foram diversos fatores, entre eles, uma necessidade em transformar o lugar da arte na sociedade, resgatando seu caráter contestador.

Tivemos através das análises dos artigos e obra filosóficas referentes a Arthur Schopenhauer, sua base teórica que serviu como pedra de toque de nosso trabalho, compreendendo o sujeito de gênio em seu âmago fomos capazes de ir além, identificar essa ideia no Paul Klee, que por vez também conseguimos ter uma melhor compreensão saindo do campo teórico e identificando na prática.

Apesar de elucidar os métodos de confronto do artista de gênio, em contrapartida, de um esvaziamento da arte, de realçar a quem essa arte deve ser endereçada, ou seja, um entendimento do artista e seu objeto artístico, além da importância do conceito para a atualidade. Há algumas questões que fogem ao tema trabalhado, mas surgem como ramificações que podem seguir como linha investigativa, como: há maneiras dentro das mídias sociais de se produzir arte que atinja a sensibilidade e que não se torne algo meramente descartável? A arte puramente técnica pode contemplar uma autenticidade na estética de Arthur Schopenhauer?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSERT, Adolphe. **Introdução a Schopenhauer**. Trad. Regina Schopke e Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

CACCIOLA, Maria Lúcia. **Sobre o gênio na estética de Schopenhauer**. São Paulo: USP, 2012.

_____. **Equilíbrio instável**. São Paulo: Centro cultural banco do Brasil, 2019.

_____. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Trad. Pedro Sussekund. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2001.

FORZA, Paul Klee - **O Diário de um Artista**. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tl-mW8mZfjU&t=144s>

ROCHA, M. Beatriz. **O Averso do visível – poética de Paul Klee**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Unesp, 2015.

_____. **Vida e obra**, Trad. Wolfgang Leo Maar, Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Ed. Nova cultural, 1999.

JESUS, J. Elton, **A Arte como bálsamo: pintura e música em Schopenhauer**, Cadernos do PET Filosofia, Vol. 6, 2015.

PIKE, Chris. **Signing off: Paul Klee 's Insula dulcamara**, Tandfonline.com, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02666286.2013.871907?journalCode=twim20>